



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA  
CENTRO DE LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA**

---

**RAFAEL CERIBELLI NECHAR**

**A Consciência, a Razão e a Regeneração Moral  
em Jean-Jacques Rousseau**

**Orientação: José Fernandes Weber**

---

**LONDRINA**  
2008



# **A Consciência, a Razão e a Regeneração Moral em Jean-Jacques Rousseau**

Trabalho de conclusão de curso  
apresentado como parte das atividades  
para obtenção do título de licenciatura,  
do curso de Filosofia da Universidade  
Estadual de Londrina.



# FOLHA DE APROVAÇÃO

**NOME DO AUTOR:** RAFAEL CERIBELLI NECHAR

**TÍTULO:** A CONSCIÊNCIA, A RAZÃO E A REGENERAÇÃO MORAL EM  
JEAN-JACQUES ROUSSEAU

---

RAFAEL CERIBELLI NECHAR

**BANCA EXAMINADORA:**

---

JOSÉ FERNANDES WEBER

---

ERICK CALHEIROS DE LIMA

---

LEONI MARIA PADILHA HENNING



## DEDICATÓRIA

“Dedico este trabalho a Jeová, Allah, Zeus, Brahma, ou qualquer que seja o nome dessa constante Força que sempre aponta o caminho através dos atalhos obscuros de nossa Consciência.”



# AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador prof. José Fernandes Weber, por todos os valiosos ensinamentos e por ser um amigo nesses quatro anos, além de me alertar sabiamente sobre o cuidado que temos de ter ao negociar com as divindades gregas.

À minha mãe e ao meu pai, por sempre me apoiarem em minhas escolhas e terem ouvido com interesse durante várias noites sobre as minhas 'descobertas' filosóficas na universidade.

A todos meus colegas do curso de Filosofia, a prova concreta de que o velho e bom Aristóteles estava certo. Especialmente: Adriano Junior, Robson Scoponi, Rafael Grog, Vagner Simino, Éderson Dentie, Fernando Crispim e a lenda Andrey Andrade.



**RESUMO:** O propósito deste trabalho é fazer uma releitura das obras de Rousseau tendo como objetivo a busca da unidade essencial em seu pensamento. Para alcançar esse objetivo fizeram-se necessárias as leituras de várias obras do autor, inclusive aquelas que são usualmente desconsideradas e que foram despidas postumamente de qualquer valor filosófico; podemos perceber que essas mesmas obras são fundamentais para conseguirmos compreender o pensamento de Rousseau em sua totalidade. O trabalho a seguir é disposto de três capítulos, cada qual busca aprofundar-se em uma de três questões que permeiam toda a obra de Rousseau: a consciência, a razão e a regeneração moral do homem.



**ABSTRACT:** The purpose of this thesis is to make a new reading of the books that were written by Jean-Jacques Rousseau, with the objective of finding the essential unity that follows his political, epistemological and moral thoughts. In order to reach that unity it is necessary to trespass both his philosophical and his literal writings, because researching with certain depth, in all his work we can find three fundamental questions that are assembled under the same ideas: the question of conscience, the question of reason and the question about the moral regeneration of mankind.



# Sumário

Introdução .....	16
1) O Animal Depravado .....	20
1.1) O Bom Selvagem .....	25
2) A Voz do Coração.....	31
2.1) O Andarilho Solitário .....	33
2.2) A Vontade Geral .....	39
3) O Novo Homem.....	44
3.1) A Nova Humanidade.....	49
Considerações Finais.....	54
Bibliografia.....	59



## Introdução

“Pourquoi?”.

O grito solitário ecoou por entre as colunas da grande estrutura que erguia-se imponentemente, e foi logo abafado pelo habitual barulho do centro daquela majestosa cidade. O frio era quase insuportável, mas algumas charretes ainda passavam pelas ruas, sendo acompanhadas pelas suas inconfundíveis sinfonias e pelo eventual relinchar dos cavalos. O céu daquele fim de tarde era cinza, e servia como um perfeito pano de fundo para as sombras da grande catedral; a Notre-Dame era ao mesmo tempo bela e terrível. Parecia ter sido construída tanto para louvar a Deus como para lembrar a nós, pobres mortais, o quão terrível pode ser sua fúria. Esse dia nublado parecia ressaltar-lhe apenas suas qualidades negativas.

Os primeiros flocos de neve esparramavam-se pelo chão.

Paris nunca pareceu tão triste.

A umidade presente no ar misturava-se com as lágrimas do louco ajoelhado em frente ao imenso portão da entrada principal; com um sobretudo preto cobrindo seu corpo e prostrado humildemente sobre os seus calcanhares, o homem tinha a face pálida como a morte, e seus olhos carregavam a profunda desesperança de alguém que, subitamente, se vê jogado em meio ao vazio incompreensível de sua própria existência<sup>1</sup>. Ninguém poderia imaginar que aquele mendigo desvairado, cujos gritos abafados dirigiam-se para lugar nenhum - como se fossem destinados a ofender o próprio universo - refletia o retrato apagado do que outrora foi considerado um grande pensador.

Ele lentamente deu às costas para a catedral e caminhou com certa dificuldade pelo caminho por onde tinha chegado; o homem segurava firmemente em seus braços um manuscrito, apertando contra o seu peito aquela que imaginava ser sua última obra nesta vida. Apenas uma pergunta passava pela mente perturbada daquele que seria facilmente visto como o último dos homens: “Por quê?”. Ele, ‘*o mais sociável e afetuoso dos humanos*’, havia sido finalmente proscrito da humanidade por um acordo unânime.

---

<sup>1</sup> [...] senti-me precipitado num caos incompreensível, em que não percebo absolutamente nada, e, mais penso na minha atual situação, menos posso compreender onde estou (ROUSSEAU, 1995, p.01)

Seu pior medo foi confirmado neste fatídico dia em fevereiro de 1766; todos o haviam renegado, até seu próprio Criador. O manuscrito em suas mãos tinha o título de “*Julgamento de Rousseau por Jean-Jacques*”, configurando uma das mais severas autocríticas feitas pelo autor – era sua última confissão, infelizmente não existia ninguém que pudesse ouvi-lo.

Não imaginando mais nenhum ser humano capaz de ouvir o seu grito desesperado, apelou para Deus e decidiu entregar-lhe o seu manuscrito, depositando-o sobre o altar-mor de Notre-Dame de Paris. Encontrou, todavia, fechada a grade do altar-mor. Esse foi o golpe supremo. Pareceu-lhe que até Deus estava contra ele. (ROLLAND, 1960, p.42)

Será que havia errado? Porque era tão fortemente incompreendido? As mesmas bocas que exaltavam suas idéias há uma década atrás agora o taxavam de louco, de misantropo, de perigoso; chegaram ao absurdo de denominarem como sendo a encarnação do Anticristo<sup>2</sup>. Há! Logo ele, que se considerava como o único verdadeiro cristão, e que era um voraz combatente de qualquer intolerância religiosa<sup>3</sup>.

A maldição de Rousseau começara quatro anos antes, quando suas duas obras-primas – o *Contrato* e o *Emílio*, escritos quase que simultaneamente – levantaram gritos de revolta por todos os lados, acabando por serem condenadas pela opinião pública e queimadas em várias partes da Europa; os tumultos causados pelas suas obras o obrigaram a fugir de Paris e

---

<sup>2</sup> O templo de Motiers lhe foi interdito, a comunhão recusada e ele acusado em púlpito como Anticristo. Sublevaram o povo contra ele, nos campos atiravam-lhe pedras e ameaçaram mata-lo. (ROLLAND, 1960, p.40)

<sup>3</sup> Um dos motivos principais das perseguições contra Rousseau foi o livro V do “*Emílio*”, intitulado “*A Profissão de Fé do Vigário de Sabóia*”, em que ele critica algumas posições da Igreja e considera como sendo antinatural a catequese; mesmo quando Rousseau em nenhum discurso fugiu dos pilares do seu pensamento principal, o homem possuía dentro de si mesmo a fonte da bondade e segui-la era sempre o correto a fazer: “[...] qualquer partido que tomastes, lembrai-vos de que os verdadeiros deveres da religião são independentes das instituições dos homens; de que um coração justo é o verdadeiro templo da divindade; de que, em qualquer país e em qualquer seita, amar a Deus acima de tudo e ao próximo como a si mesmo é o sumário da lei; de que não há religião que dispense dos deveres da moral, só eles realmente essenciais; de que o culto interior é o primeiro dos deveres, pois sem a fé nenhuma virtude verdadeira existe.” (ROUSSEAU, 1968, p.367)

refugiar-se na Suíça e depois na Inglaterra – o mal estava feito; suas belas palavras haviam sidas condenadas inevitavelmente ao esquecimento<sup>4</sup>.

Depois dos ânimos se acalmarem Rousseau retornou à Paris em 1766, e durante seis meses sombrios, perdido nas profundezas do seu amargo desespero, ele tomou a única medida que parecia correta: se os homens - seus queridos irmãos - não o compreendiam, ele deveria confessar-se diretamente com Deus; mas as grades do altar-mor de Notre-Dame estavam tragicamente fechadas para este pobre homem.

Jean-Jacques, em meio a grande capital do mundo, nunca se sentiu tão só.

Mas não é o drama pessoal que nos interessa. Se insistirmos na oposição entre o agir e o falar é porque ela nos aparece não como fonte das contradições disseminadas na obra, mas como a figura exemplar de uma divisão instalada no seio mesmo deste discurso e que parece operar em diferentes níveis [...] Ora, se a divisão é necessária, se o perfeito acordo é impossível, a coerência não está em reconhecê-lo, assumindo a divisão e tentando mantê-la dentro de limites aceitáveis? A incoerência e a falsidade não estariam justamente em aparentar uma unidade impossível? (FORTES, 1976, p.27)

Este trabalho visa demonstrar que a visão de Fortes – e a da maioria dos críticos do pensamento rousseauiano – não poderia estar mais equivocada. Conhecer Rousseau apenas segundo a imagem convencional dos seus livros de raciocínio pesado, de pesada retórica moralizadora, é distorcê-lo a ponto dos próprios pilares sobre os que constrói sua filosofia (em âmbito político, moral e epistemológico) serem desfigurados a ponto de tornarem-se irreconhecíveis. Dessa forma, considerar apenas parcialmente a sua obra constitui um erro grave e irrecuperável dentro de seu sistema filosófico, e as contradições expostas pelos seus críticos agravam-se justamente através dessa leitura parcial.

O desmembramento da obra de Rousseau e a divisão arbitrária entre seus pensamentos é uma das principais razões no desentendimento do conteúdo de suas obras, – uma hora Rousseau é visto como um totalitarista, na outra preza pela individualidade – sendo que em nenhum momento Rousseau

---

<sup>4</sup> No dia 11 de junho a obra [Emílio] foi rasgada e queimada junto à grande escada do Palácio de Justiça de Paris, e dizia-se abertamente que não era suficiente queimar o livro. Seria também preciso queimar o autor. (ROLLAND, 1960, p.37)

assume a existência de tais contradições; pelo contrário, ele reitera sempre a existência em suas obras de uma unidade essencial incompreendida pelos seus críticos.

Disse a verdade: se alguém sabe de coisas contrárias ao que acabo de expor, fossem elas mil vezes provadas, só sabem de mentiras e de imposturas; e se esta pessoa se recusa a esclarecê-las e aprofunda-las enquanto eu ainda estou vivo, é porque não aprecia a justiça nem a verdade. Quanto a mim, declaro em voz alta e sem receio: quem quer que, mesmo sem ter lido minhas obras, examinar com os seus próprios olhos o que sou naturalmente, examinar o meu caráter, meus costumes, minhas inclinações, meus prazeres, meus hábitos, e puder ainda assim julgar-me um homem desonesto, é um homem que deve ser suprimido. (ROUSSEAU, 1982, p.693)

Esse trabalho toma o partido de Rousseau, e visa demonstrar que para compreendermos corretamente a singularidade de sua vida e sua obra - e como ela diferencia esse pensador em meio a tantos outros – faz-se necessária uma leitura aprofundada e relacionada entre seus escritos considerados ‘literários’ e seu pensamento filosófico como um todo; Para isso é essencial compreender o drama e a dualidade que sempre acompanharam a vida e as idéias desse “*homem de paradoxos*”.

Os homens não são naturalmente nem reis, nem grandes, nem cortesãos, nem ricos; todos nascem nus e pobres, todos sujeitos às misérias da vida, às tristezas, aos males, às necessidades, às dores de toda espécie; e finalmente todos estão condenados à morte. Eis o que é realmente do homem, eis o de que nenhum mortal está isento. Logo, começai por estudar o que é mais inseparável da natureza do homem, o que melhor constitui a humanidade. (ROUSSEAU, 1968, p. 248)

Os três capítulos deste trabalho visam transpassar três questões fundamentais que sempre acompanharam os escritos de Rousseau: a questão da razão, da consciência e da possibilidade da regeneração do homem através da harmonia entre sua razão e a sua bondade natural<sup>5</sup>.

Talvez seja possível que aquele homem louco não seja tão desvairado quanto à opinião pública julgou; talvez sobre uma outra leitura de seus escritos, Rousseau finalmente tenha uma chance de redenção.

Homem, não procures mais o autor do mal; és tu mesmo esse autor. Não existe outro mal senão o que fazes ou que sofres, e um e outro vêm de ti. O mal geral

---

<sup>5</sup> Sabia, ao meditar sobre essas matérias, que o entendimento humano, circunscrito pelos sentidos, não as podia abarcar em toda a sua extensão. Ative-me portanto ao que estava ao meu alcance, sem me embrenhar no que a ultrapassava. (ROUSSEAU, 1995, p.49)

não pode estar senão na desordem, e eu vejo no sistema do mundo uma ordem que não se desmente nunca. O mal particular não está senão no sentimento do ser que sofre; e este sentimento o homem não o recebeu da natureza, ele o criou. A dor age pouco sobre quem, tendo pouco refletido, não tem nem lembrança nem previsão. *Ponde de lado nossos tristes progressos, ponde de lado nossos erros, ponde de lado a obra do homem e tudo estará certo.* (ROUSSEAU, 1968, p. 326)

# 1) O Animal Depravado

“L’homme qui medite est un animal  
deprave”  
Jean-Jacques Rousseau

Uma das principais críticas ao pensamento de Rousseau advém do entendimento que o filósofo francês apresenta da razão humana e, conseqüentemente, da “depravação” que essa razão fez surgir no animal humano. Essas afirmações naturalmente causaram rebuliço na elite intelectual da Paris do século XVIII<sup>6</sup>, habituada a louvar as luzes e os caminhos magníficos construídos pela razão - caminhos que certamente, na opinião dos iluministas, guiariam a humanidade para um brilhante futuro<sup>7</sup>.

Dessa forma, Rousseau acabou por ser uma das únicas vozes que proclamaram veementemente contra o entusiasmo da época e, no decorrer de sua obra, propôs mudanças radicais para salvar a sociedade do ‘monstro’ no qual a razão se tornou nas mãos dos homens.

Povos, sabeis, pois, de uma vez por todas, que a natureza vos quis preservar da ciência como a mãe arranca uma arma perigosa das mãos do filho; que todos os segredos, que ela esconde de vós, são tantos outros males de que vos defende e que vosso trabalho para vos instruídes não é o menor de seus benefícios. Os homens são perversos; seriam piores ainda se tivessem tido a infelicidade de nascerem sábios. (ROUSSEAU, 1999, p.199)

É necessário entender que, apesar dessa posição contrária à da época em relação aos benefícios da razão, Rousseau não deve ser tratado – como o foi por muitos críticos – como sendo um filósofo “irracionalista” ou retrógrado

---

<sup>6</sup> Parece-me que a leitura de Rousseau, para ser feita de modo coerente com o pensamento do autor, não pode nunca ser desvinculada da época na qual foi concebida, o sentimento presente na sociedade é importante para conseguirmos entender o que Rousseau realmente propõe – Ernst Cassirer, um dos mais importantes comentadores da obra de Rousseau, expõe brilhantemente o espírito positivista do séc. XVIII: “O século se alegra com a determinação inequívoca, com o contorno claro e nítido das coisas e com sua delimitação segura; ele considera a capacidade para tal determinação e delimitação ao mesmo tempo como a mais elevada força subjetiva do homem, como a potência fundamental da própria “razão”” (CASSIRER, 1989, p. 38)

<sup>7</sup> Sei que será difícil acomodar o que tenho a dizer ao tribunal perante o qual compareço. Como ousar censurar as ciências perante uma das mais sábias companhias da Europa, louvar a ignorância numa Academia célebre e conciliar o desprezo pelo estudo com o respeito pelos verdadeiros sábios? Reconheci estes obstáculos e eles de modo algum me demoveram. Não é em absoluto a ciência que maltrato, disse a mim mesmo, é a virtude que defendo perante homens virtuosos. (ROUSSEAU, 1999, p. 185)

em relação à sociedade; ele próprio afirma por diversas vezes que um suposto retorno ao seu hipotético estado natural não é possível, pois seria uma espécie de involução da humanidade.

Embora se prive nesse estado [o estado social] de muitas vantagens que a natureza lhe dera, outras obtêm ainda maiores; suas faculdades se exercem e se desenvolvem; suas idéias se ampliam, seus sentimentos se enobrecem, sua alma toda inteira a tal ponto se eleva que, se os abusos dessa nova condição não o degradassem muitas vezes a uma condição inferior à primeira, deveria abençoar continuamente o instante feliz que para sempre o arrancou do estado de natureza, e fez de um animal estúpido e limitado um ser inteligente, um homem. (ROUSSEAU, 2007, p.32)

Essas supostas discrepâncias no discurso rousseauiano são alvos comuns para críticas; Como pôde Rousseau em alguns discursos fazer apologia ao “bom selvagem” e proclamar como a espécie humana era feliz em sua condição natural, e em outros sublinhar qualidades tão positivas do estado social<sup>8</sup>?

A primeira resposta que surgiu para explicar as contradições de Rousseau foi a suposição de que, no decorrer de suas obras, ele simplesmente mudou de opinião acerca de algumas das questões-chave de seu pensamento - se transformando assim em um pensador cuja obra pode ser dividida por “fases”, sendo que em cada uma delas surgem diferentes respostas para as mesmas perguntas – mas, segundo Peter Gay, no prefácio da edição americana do famoso texto de Ernst Cassirer<sup>9</sup>, o próprio Rousseau afirma a coerência de suas idéias: “as discrepâncias que o leitor pudesse encontrar entre eles [os discursos] seriam, afirmava [Rousseau], puramente superficiais. Ele reiterou essa convicção, que lhe deve ter sido de grande importância, perto do fim da vida, sobre seu trabalho: “um grande princípio”, mantinha, era evidente em todos os seus livros”<sup>10</sup>.

---

<sup>8</sup> Ambíguo e incerto torna-se o julgamento quando tentamos confrontar o universo das idéias de Rousseau com a oposição tradicional entre “racionalismo” e “irracionalismo”. É inequívoco que ele se afastou daquela glorificação da “razão” vigente no círculo dos enciclopedistas franceses, e que, perante ela, ele se reporta às forças mais profundas do “sentimento” e da “consciência moral”. Mas, por outro lado, foi justamente esse “irracionalista” que, em meio às lutas mais intensas contra os “filósofos”, contra o espírito do Iluminismo francês, anunciou que as idéias mais sublimes da divindade, das quais o homem seria capaz, eram fundadas pura e exclusivamente na razão (CASSIRER, 1989, p.41)

<sup>9</sup> CASSIRER, 1989.

<sup>10</sup> CASSIRER, 1989, p.08

Se considerarmos a afirmação de Rousseau como sendo verdadeira, é inevitável buscarmos esse princípio que unifica sua obra e a livra de contradições aparentes. Mas, como fazer isso?

Acredito que o primeiro passo para entender esse princípio que permeia todas as obras de Rousseau é a reflexão sobre o problema fundamental que ele aborda; muitos pensadores consideram Rousseau como um importante filósofo político, e entendem suas maiores obras como uma defesa de seus ideais de governo e de como deve ser aplicado o “*Contrato Social*” – e esse sem dúvida é um dos objetivos de grande parte de suas obras – mas, quando encaramos Rousseau como sendo apenas um “pensador político”, somos levados obrigatoriamente a desconsiderar o que é ‘literário’ em suas obras, e esses textos ‘literários’ se apresentam como um dos pilares fundamentais para a compreensão correta do pensamento rousseauiano, que em grande parte se baseia na especulação subjetiva.

É necessário o entendimento de que, mesmo que o pensamento de Rousseau parta da especulação subjetiva e seja firmado sobre uma espécie de ‘busca’ interior da *consciência* individual, essa especulação em certo ponto tenta transfigurar-se, no decorrer de suas obras, para o alcance de um bem objetivo e universal, predizendo uma mudança real do mundo através da educação e do bom uso das instituições políticas.

Essa análise sobre Rousseau também foi feita por Cassirer, que escreve: “*num pensador desse tipo, não se pode separar o conteúdo e o sentido da obra da razão pessoal de viver; ambos só podem ser apreendidos um dentro do outro e um com o outro, só num “reflexo reiterado” e num esclarecimento mútuo de um pelo outro*”<sup>11</sup>. Ora, principalmente quando se trata de Rousseau - considerado um dos principais precursores do movimento romântico - é preciso admitir que obra e vida se encontram profundamente entrelaçadas e refletidas uma na outra; sendo assim, entende-se que a revolução do pensamento rousseauiano não se deu só no âmbito da política<sup>12</sup>,

---

<sup>11</sup> CASSIRER, 1989, p.42

<sup>12</sup> Conseguimos entender a importância do pensamento político de Rousseau através das palavras de Bento Prado Jr, em seu artigo “*A Filosofia das Luzes e as Metamorfoses do pensamento Libertino*”: “A filosofia das Luzes não era revolucionária de modo algum; o pensamento de Rousseau, de alguma maneira, já o era. De um lado, uma filosofia cega, por princípio, ao sentido e à possibilidade de uma revolução; de outro, uma filosofia que - desde

mas na própria delimitação de seu pensar filosófico: as linhas que separam suas obras 'literárias' e 'filosóficas' precisam ser desconsideradas para que o princípio unificador que as permeia possa ser, enfim, compreendido<sup>13</sup>.

Ao ampliarmos nossa visão sobre Rousseau para além de sua obra política, a principal questão encontrada na totalidade de seu pensamento revela-se mais ampla do que a sociedade proposta nas páginas do "*Contrato Social*". Desde o primeiro discurso, a tese de Rousseau aparece como uma relação intrínseca e constante entre a política e a moral, e ele sempre busca compreender, acima de tudo, o homem em suas fases históricas: o que foi o homem na natureza, o que é o homem na sociedade e, enfim, o que o homem deve se tornar para vislumbrar um futuro melhor - essas são as perguntas que servem como fio condutor em todas as obras de Rousseau. A sua proposta é definir a vida reta; seu problema fundamental parece ser o de libertar o homem de sua própria tirania; tirania essa que, como ele próprio indica, pode ser tanto interna quanto externa, e encontra sua origem na passagem do homem selvagem para o homem social.

O cavalo, o gato, o touro, o próprio asno tem, na maioria, uma estatura mais alta, e todos uma constituição mais robusta, mais vigor, força e coragem quando nas florestas do que em nossas casas; perdem a metade dessas vantagens tornando-se domésticos e poder-se-ia dizer que todos os nossos cuidados para tratar bem e alimentar esses animais só conseguem degenerá-los. Acontece o mesmo com o próprio homem. Tornando-se sociável e escravo, torna-se fraco, medroso e subserviente, e sua maneira de viver, frouxa e afeminada, acaba por debilitar ao mesmo tempo sua força e coragem. Acrescentemos que, entre a condição selvagem e a doméstica, a diferença de homem para homem deverá ser ainda maior do que a existente entre animal para animal. (ROUSSEAU, 1999, p. 62)

Parece claro que o grande questionamento de Rousseau não é primordialmente sobre mudanças de âmbito social, mas sobre uma análise profunda da própria condição do homem como ser natural e racional; as questões sociais não se apresentam como a principal motivação da obra

---

que levada às suas últimas conseqüências, para além das escolhas do estilo e do autor - antecipa, ao mesmo tempo, a Revolução Francesa e uma nova forma de pensamento político, que só emergiria dos escombros do Antigo regime e no cenário social armado pela economia do século XIX" (PRADO JR, 1996, p.03)

<sup>13</sup> Muitos críticos de Rousseau não compreenderam essa necessidade e acabaram por acusar que seus pensamentos não passavam de um belo exercício de retórica; um dos exemplos mais ilustres foi o que disse o filósofo inglês David Hume sobre Jean-Jacques: "Na verdade, seus Escritos são tão eivados de Extravagâncias que não posso acreditar que sua Eloquência isoladamente possa sustentá-los" (CASSIRER, 1989, p.17)

rousseauiana<sup>14</sup>. Pelo contrário, as asserções sobre o modo perfeito de sociedade são apenas decorrências lógicas de uma pergunta fundamental - o que é o homem? – que se desenvolve em Rousseau para uma segunda pergunta – o que o homem deveria ser? – a idéia de que o homem deve se aperfeiçoar por sua razão e em concordância com sua natureza percorre toda a obra de Rousseau e lhe confere uma unidade essencial<sup>15</sup>.

“Para que um povo nascente possa gostar das sãs máximas da política e seguir as regras fundamentais da razão de Estado, seria preciso que o efeito pudesse se tornar causa; que o espírito social, que deve ser obra da instituição, presidisse à própria instituição; e *que os homens fossem, antes das leis, o que devem ser com elas.*” (ROUSSEAU, 2007, p. 48)

### 1.1) O “Bom Selvagem”

Sendo um ponto recorrente em seus discursos, o pensamento de Rousseau tenta estabelecer o que existe de fundamental e essencial no homem. Para encontrar a essência humana ele recorre inevitavelmente à origem própria dos seres humanos, a qual ele dá o nome de “estado natural” - um estado hipotético anterior à sociedade e que, segundo o autor, talvez nunca tenha chegado a existir de fato<sup>16</sup> - Neste estado das coisas, o homem deve ser visto como mais um animal entre outros da natureza.

O indivíduo em si, tal como saiu das mãos da natureza, encontra-se ainda fora da oposição entre bem e mal. Ele se abandona ao seu instinto natural de autoconservação; é guiado pelo “amour de soi”, mas esse amor por si mesmo jamais degenera em amor-próprio (amour propre) que se compraz em oprimir os outros e que só assim pode se satisfazer. O amor-próprio, que contém a causa de toda perversão futura e cria no homem o desejo de poder e a vaidade, torna-se um peso

---

<sup>14</sup> A má interpretação de Rousseau ganhou força quando parte sua obra política foi alçada, durante várias vezes, como sendo uma espécie de estandarte que carregaria os ideais das revoluções ocorridas no séc. XIX - assim explica Cassirer: “Rousseau era, desafortunadamente, cunhador de frases felizes. Lidas em seu contexto, elas eram normalmente elucidadas pelos argumentos sobre os quais repousavam. Tiradas do contexto, seu poder retórico obscurecia o fato de serem apenas pronunciamentos incompletos. Usadas como *slogans*, elas distorciam ou destruíam o sentido que Rousseau lhes queria dar” (CASSIRER, 1989, p.18)

<sup>15</sup> “Todo o interesse de Rousseau e toda sua paixão fazem parte de um modo ou de outro da doutrina do homem” (CASSIRER, 1989, p.64)

<sup>16</sup> O objetivo de Rousseau é “separar o que há de original e de artificial na natureza atual do homem, e conhecer com exatidão um estado que não mais existe, que talvez nunca tenha existido, e que provavelmente jamais existirá” (ROUSSEAU, 1999, p.44)

exclusivamente para a sociedade. É ele que faz os homens se tornarem tiranos contra a natureza e contra si próprios. (CASSIRER, 1989, p.73)

Ao viver de maneira natural, o progresso do “bom selvagem”, assim como o conhecemos, não é inerente à sua existência. Este animal evoluía dentro de suas condições na natureza, e nunca no ritmo apressado e descompassado<sup>17</sup> – ritmo no qual o homem, guiado pela sua razão, transformou a natureza ao seu redor – e que acabou, enfim, por perverter o próprio homem.

De acordo com Rousseau, as razões pelas quais o homem natural evoluía lentamente e de acordo com a natureza eram puramente práticas: "*suas módicas necessidades encontravam-se com tanta facilidade ao alcance da mão e encontra-se ele tão longe do grau de conhecimento necessário para desejar alcançar outras maiores que não pode ter nem previdência, nem curiosidade.*"<sup>18</sup>, isso se deve ao fato de que em "*sua alma [do homem natural], que nada agita, entrega-se unicamente ao sentimento da existência atual sem nenhuma idéia do futuro, ainda que próximo, e seus projetos, limitados como suas vistas, dificilmente se estendem até o fim do dia.*"<sup>19</sup>.

Esse animal, em sua existência puramente sensível e *amoral*, não pode ser confundido com um ser *imoral*, esse foi o erro de interpretação que Rousseau atribuiu à filosofia hobbesiana<sup>20</sup>; não seria possível, para o homem em sua condição natural, conceber um sentimento como o egoísmo<sup>21</sup> - este

---

<sup>17</sup> Tendo, pois, o estado de sociedade um termo extremo, ao qual os homens podem querer chegar mais cedo ou mais tarde, não é inútil mostrar-lhes o perigo de ir tão depressa e as misérias de uma condição que tomam como a perfeição da espécie. (ROUSSEAU, 1999, p. 159)

<sup>18</sup> ROUSSEAU, 1999, p.66

<sup>19</sup> *ibid.* p.67

<sup>20</sup> [...] não havendo entre eles espécie alguma de relação moral ou de deveres comuns, não poderiam ser nem bons nem maus ou possuir vícios e virtudes [...] não iremos, sobretudo, concluir com Hobbes que, por não ter nenhuma idéia da bondade, seja o homem naturalmente mau (ROUSSEAU, 1999, p.75)

<sup>21</sup> É possível admitir que toda teoria hobbesiana, tanto política quanto natural, tenha como ponto de partida o incomensurável desejo humano para conseguir sempre mais poder; a luta constante da natureza humana (por meio da força e do medo) é empregada para esse fim. O motivo da existência do *Leviatã* é conseguir conciliar esse desejo com uma convivência pacífica entre os homens; dessa forma parece que Rousseau acaba por ter uma interpretação equivocada sobre o egoísmo do homem natural hobbesiano, já que o ‘egoísmo’ em Hobbes pode muito bem ser equiparado em alguns pontos com o conceito de ‘amor-próprio’ em

surge apenas após o homem se enxergar no outro e criar em sua interioridade o nefasto amor-próprio.

Para Rousseau, o erro do julgamento em Hobbes também consiste em ignorar a piedade na sua definição de estado de natureza: a natureza dotou todos os seres humanos de piedade, e ela cumpre na filosofia de Rousseau, a função de ser um 'instinto' da espécie, ou seja, uma qualidade independente do convívio social e que – além de servir como prova para a predisposição natural do homem para o bem – tem como utilidade moderar o amor próprio e faz com que nos identifiquemos com nossos semelhantes.

O orgulho humano é a raiz de todo o mal, e configura uma espécie de pecado original para Rousseau: "*o primeiro olhar que [o homem] lançou sobre si mesmo produziu-lhe o primeiro movimento de orgulho*", e depois de se reconhecer em sua individualidade, se sobrepôs a de todos os outros homens, e "*dispôs-se desde logo a considerar-se o primeiro como indivíduo*"<sup>22</sup>. O homem social, carregado de orgulho e amor-próprio, se divide em dois: aquele que ele realmente é, e aquele que ele parece ser diante dos outros<sup>23</sup>.

Então começa a divisão ativa entre o eu e o outro; o amor-próprio vem perverter o inocente amor de si, os vícios nascem, a sociedade se constitui. E, enquanto a razão se aperfeiçoa, a propriedade e a desigualdade se introduzem entre os homens, e meu e o teu separam-se cada vez mais. A ruptura do ser e do parecer passa a marcar o triunfo do "factício", a distância cada vez maior que nos afasta não apenas da natureza exterior, mas de nossa natureza interior. (STAROBINSKY, 1991, p. 39)

Com essa clara divisão entre o eu e o outro, causada pelo surgimento do egoísmo e fundamentada na criação da sociedade e do homem social<sup>24</sup>,

---

Rousseau; a existência do *Leviatã* torna-se necessária para submeter os homens sob o jugo das leis da razão e protegê-los de suas paixões egoístas: "Devemos assim reconhecer que, o medo, o desejo, a ira e outras paixões derivam da natureza sem atribuir a esta seus maus efeitos [...] Porém, a declaração de que os homens são, por sua natureza maus, não provém deste princípio, pois embora em número os maus fossem menores que os íntegros, uma vez que não podemos fazer distinção sobre eles, existe uma necessidade de suspeitar, de acautelá-los, de defesa, necessidade que incide até mesmo sobre os homens mais íntegros e de condição mais justa." (HOBBS, 2006, p.20)

<sup>22</sup> (ROUSSEAU, 1999, p.89)

<sup>23</sup> O selvagem vive em si mesmo; o homem sociável, sempre fora de si, só sabe viver baseando-se na opinião dos demais e chega ao sentimento de sua própria existência quase que somente pelo julgamento destes. (ROUSSEAU, 1999, p. 115)

<sup>24</sup> Sobre a dualidade da condição do homem social, Rousseau afirma: "Que cortejo de vícios não acompanha essa incerteza! Não mais amizades sinceras e estima real; não mais confiança

Rousseau chamou a atenção para o fato de que, após a instrumentalização da razão, o homem perdera muito da piedade que existia dentro de si; amenizando o 'instinto' que o fazia sentir-se mais fraterno e compassivo com os seus semelhantes – e a piedade é apenas uma das qualidades naturais sufocadas pela razão do homem social.

As investidas feitas por Rousseau destacavam os prejuízos tanto sociais quanto individuais que fazem parte do caminho pelo qual o ser humano evoluiu: afastando-se da natureza e tornando-se dependente do convívio social<sup>25</sup>, o homem acabou por tornar-se aquilo que ele não é.

Rousseau define de maneira mais clara o objeto e o alcance de sua crítica social: a contestação diz respeito à sociedade enquanto esta é contrária à natureza. Essa sociedade negadora da natureza (da ordem natural) não suprimiu a natureza. Mantém com ela um conflito permanente, de onde nascem os males e os vícios de que sofrem os homens. (...) assim se constitui uma sociedade em que cada um se isola em seu amor-próprio e se protege atrás de uma aparência mentirosa. (...) o eu do homem social não se reconhece mais em si mesmo; seus meios se tornam seu fim. O homem inteiro se torna coisa, ou escravo da coisa... (STAROBINSKI, 1991, p.35)

O homem, ser naturalmente bom e que vivia de acordo com sua natureza, depravou-se através do seu orgulho e do uso inadequado de sua razão, fundamentando assim uma sociedade inteira tendo como base princípios turvos e parciais e visando apenas os bens particulares, esquecendo-se da vontade geral e, pior ainda, esquecendo-se de si mesmo.

Mesmo em sua pesada crítica social, o discurso de Rousseau não é pessimista; apesar das aparências supérfluas que caracterizam a sociedade - por detrás das máscaras hipócritas que nos são impostas pelas convenções sociais - ainda existe um princípio imutável, uma essência indestrutível; a proposta de Rousseau é caminhar ao seu encontro, é escutar a voz secreta da consciência para o homem conseguir, enfim, tornar-se homem novamente<sup>26</sup>.

---

cimentada. As suspeitas, os receios, os medos, a frieza, a reserva, o ódio, a traição escondem-se o tempo todo sob esse véu uniforme e pérfido da polidez, sob essa urbanidade tão exaltada que devemos às luzes de nosso século." (ROUSSEAU, 1999, p. 192)

<sup>25</sup>Nos salões, onde triunfam a aparência e a opinião, pode-se dizer tudo, mas não se crê em nada do que se diz: os protestos dos filósofos fazem parte da tagarelice social, discursos inautênticos sobre um mundo inautêntico. (STAROBINSKI, 1991, p.47)

<sup>26</sup> Isso não significa, de forma alguma, um retorno à vida do homem natural. A sociedade em si não é maléfica para Rousseau, mas a forma como ela é conduzida que deve ser corrigida: "... desde o final do primeiro discurso, Rousseau deixava entrever a possibilidade de uma reconciliação: se os homens, e sobretudo os príncipes, o quisessem, a separação poderia ser

Os verdadeiros princípios da moral não se fundam em qualquer autoridade, seja humana seja divina, nem no poder da prova silogística. São verdades que só se deixam apreender intuitivamente; mas justamente essa intuição não é negada a ninguém, pois constitui a força fundamental e a essência do próprio homem. Não precisamos nos esforçar para encontrar esse conhecimento “inato” pelo caminho da análise abstrata ou da educação e do ensino; basta afastar os obstáculos existentes entre eles e nós a fim de apreendê-lo em sua total clareza e em sua certeza imediatamente convincente (CASSIRER, 1989, p.103)

Dessa forma, Rousseau adota a noção de lei natural ao mesmo tempo em que repele a afirmação dos pensadores que, afirmando existir uma ordem natural preestabelecida, dão por justo tudo o que existe - discurso esse que culmina em uma espécie de fatalismo conformista e que exclui a necessidade de qualquer esforço para a regeneração. A posição rousseauiana contra essa espécie de fatalismo é que abre precedente para sua proposta posterior, na qual a regeneração moral<sup>27</sup> passa a ser sua principal preocupação - o homem não está condenado a se perder em meio de suas vaidades, pois carrega sempre consigo as perfeitas leis da moral; basta para ele aprender a lê-las<sup>28</sup>.

Parece claro que Rousseau, ao repudiar seu tempo, também crítica indiretamente os pensadores iluministas que não conseguiam vislumbrar um futuro sem o perfeito molde da razão<sup>29</sup>. Nas entrelinhas de seu pensamento, o que Rousseau indica é que apenas o puro desenvolvimento e expansão dos conhecimentos científicos e dos princípios racionais não levarão a parte nenhuma – pelo contrário, acabarão por degenerar ainda mais o próprio homem.

---

superada, uma verdadeira comunidade poderia restabelecer-se... O mal não reside essencialmente no saber e na arte (ou na técnica), mas na desintegração da unidade social. Constata-se, nas circunstâncias atuais, que as artes e as ciências favorecem essa desintegração e aceleram-na. Entretanto nada impede que sirvam para fins melhores. Desse modo, o propósito de Rousseau não é banir irremediavelmente as artes e as ciências, mas restaurar a totalidade social, recorrendo ao imperativo da virtude, a única capaz de criar a coesão necessária.” (STAROBINSKI, 1991, p.43)

<sup>27</sup> O mal é exterior e é a paixão pelo exterior: se o homem se entrega inteiro à sedução dos bens externos, será inteiramente submetido ao império do mal. Mas recolher-se em si será para ele, em qualquer tempo, o recurso da salvação. (STAROBINSKI, 1991, p.32)

<sup>28</sup> Esse assunto será mais bem aprofundado no segundo capítulo intitulado ‘A Voz do Coração’.

<sup>29</sup> “A verdade geral e abstrata é o mais precioso de todos os bens. Sem ela, o homem é cego; ela é a luz da razão. É por ela que o homem aprende a se conduzir, a ser o que deve ser, a fazer o que deve fazer, a tender para o seu verdadeiro fim.” (ROUSSEAU, 1995, p.57)

A resposta de Rousseau para os males do homem encontra-se por detrás das camadas racionais do próprio homem. No íntimo de sua essência humana; para além das aparências, a única coisa que permanece imutável desde os tempos do “bom selvagem”; Como veremos no próximo capítulo, uma odisséia solitária em busca da *consciência*<sup>30</sup> é a solução apresentada por Rousseau para as misérias da humanidade.

Consciência! Consciência! Instinto divino, voz celeste e imortal; guia seguro de um ser ignorante e limitado, mas inteligente e livre; juiz infalível do bem e do mal, que tornas o homem semelhante a Deus, és tu que fazes a excelência de sua natureza e a moralidade de suas ações; sem ti nada sinto em mim que me eleve acima dos bichos, a não ser o triste privilégio de me perder de erro em erro com a ajuda de um entendimento sem regra e de uma razão sem princípios. (ROUSSEAU, 1968, p.338)

---

<sup>30</sup> Sei, de antemão, quais as palavras grandiosas com que serei atacado: luzes, conhecimentos, leis, moral, razão, decoro, consideração, doçura, polidez, educação, etc... A tudo isso só responderei com duas outras palavras que soam ainda mais fortes ao meu ouvido: Virtude! Verdade! Gritarei sem cessar: Verdade! Virtude! Se alguém nelas só perceber palavras, nada mais tenho a dizer-lhe. (ROUSSEAU, 1999, p.299)

## 2) A Voz do Coração

Conjuro-vos a que penetreis todos a fundo no seu coração e consulteis a voz secreta de vossa consciência

Jean-Jacques Rousseau

O vento sopra calmamente e uma brisa quente massageia com leveza as folhas dos coqueiros em meio àquela praia deserta. O sol poente revela cores antes escondidas no horizonte, e o barulho das ondas embaça os pensamentos do homem sentado em cima de uma grande rocha. Todas as intempéries marítimas, as tempestades e mesmo a solidão, por vezes tão cruel, não tira a beleza fundamental de um lugar divino como este - parecido de alguma forma com o próprio Éden -, a inocência e o contato com a natureza parecem mostrar ao homem sua verdadeira condição e, assim, longe das inúmeras máscaras impostas pela sociedade depravada pelo egoísmo, a Verdade se revela em seu coração. De olhos fechados, o homem consegue se sentir uno com tudo aquilo que o cerca<sup>31</sup>; Nesse lugar sagrado, ele conversa com o universo<sup>32</sup> - no fim acabamos todos no papel de náufragos, em busca de nosso próprio paraíso perdido.

Quantas vezes, à hora do almoço ou à do jantar, sentia-me empolgado. Dava, então, humildes ações de graças a Deus Nosso Senhor, por me ter dado tantas coisas, por me ter permitido conseguir alimento no meio do deserto [...] Deste modo, sempre, procurei considerar mais o lado bom da minha condição do que o mau. Procurando alegrar-me com o que possuía e não me desesperar com o que não tinha, porque os desgostos que nos avassalam e mortificam, relativamente às coisas que não temos, são todos frutos da falta de reconhecimento pelo que possuímos. (DEFOE, 1964, p.32)

---

<sup>31</sup> Para me elevar de antemão e quanto possível à esse estado de felicidade, exercito-me nas sublimes contemplações. Medito sobre a ordem do universo, não para explicá-la mediante vãos sistemas, mas para admirá-la sem cessar, para adorar o sábio autor que tudo faz sentir. Converso com ele, introduzo em todas minhas faculdades sua divina essência, abençôo-as por seus dons; mas nada lhe peço. (ROUSSEAU, 1968, p.342)

<sup>32</sup> Rousseau faz inúmeras referências de suas meditações solitárias como sendo seu derradeiro refúgio em busca da paz interior: "Estas horas de solidão e de meditação são as únicas do dia em que sou plenamente eu mesmo e em que me pertencem sem distração, sem obstáculos e em que posso verdadeiramente dizer que sou o que desejei a natureza." (ROUSSEAU, 1995, p.31)

Essa simples imagem, relacionada com a célebre obra de Defoe<sup>33</sup>, pode ser utilizada para exemplificar o que Rousseau acreditava como sendo a *consciência* humana<sup>34</sup>: uma ilha<sup>35</sup> inabalável dentro de cada um de nós, livre da corrupção e do sentimento de amor-próprio. Desde seu primeiro discurso, Rousseau já estabelece essa premissa como essencial em sua filosofia: o homem tem uma natureza boa, e apesar de ter se depravado pelo mal uso de sua razão, essa essência ainda pode ser alcançada e utilizada para mudar o homem e, conseqüentemente, a própria sociedade.

O homem é capaz de se regenerar moralmente se ouvir a voz da *consciência*, mas a questão é que em Rousseau o princípio moral que rege a sociedade não pode ser alcançado – assim como pretendem os iluministas - através da pura reflexão racional<sup>36</sup>; é preciso *menos*<sup>37</sup> que isso. Para alcançar

---

<sup>33</sup> Daniel Defoe (1660-1731) foi o escritor e jornalista inglês que escreveu o famoso romance “Robinson Crusóé”

<sup>34</sup> Essa comparação com a obra de Defoe não é aleatória. Rousseau tinha uma profunda admiração pela história do homem que sobreviveu sozinho em uma ilha, e cita a obra de Robinson Crusóé como sendo fundamental para a educação de Emílio: “Desde que precisamos absolutamente dos livros, existe um que fornece, ao meu ver, o mais feliz tratado da educação natural. Esse livro será o primeiro que Emílio lerá; ele sozinho constituirá durante muito tempo toda a sua biblioteca e sempre terá nela um lugar importante. Será o texto a que todas as nossas conversações acerca das ciências naturais servirão apenas de comentários. Servirá para comprovar os progressos de nossos juízos. E enquanto nosso gosto não se estragar ele nos agradará sempre. Mas qual esse livro maravilhoso? Aristóteles? Plínio? Buffon? Não: Robinson Crusóé” (ROUSSEAU, 1968, p.200)

<sup>35</sup> [...] na medida que a sociedade é obra humana, deve-se admitir que o homem é culpado e carrega a culpa de todo o mal que faz a si mesmo; mas, por outro lado, na medida em que o homem não deixa de ser um filho da natureza, ele conserva uma inocência indestrutível. (STAROBINSKI, 1991, p.38), a afirmação de Starobinski nos leva à questão de como conciliar a premissa do “bom selvagem” corrompido pela sociedade e a afirmação de Rousseau de que “tudo se degenera nas mãos do homem” (ROUSSEAU, 1968, p.01), essa aparente contradição só pode se esclarecer na medida em que compreendemos a importância da subjetividade e da essência imutável em Rousseau.

<sup>36</sup> Aquém da reflexão, há o amor de si, pelo qual nossa existência se afirma inocentemente: o amor de si leva em conta apenas o eu, ignora a diferença do outro e, em conseqüência, não pode opor-se ativamente a outrem. Mas, desde que o próximo aparece no campo de nosso julgamento, somos presas do amor-próprio, comparamo-nos, e o mal se torna possível. Não podem mentir, não se podem disfarçar senão aqueles que, pela reflexão, se comparam aos outros homens (...) é na reflexão que está o pecado fundamental e que introduz no mundo o malefício do parecer mentiroso (STAROBINSKI, 1991, p.215)

<sup>37</sup> A consciência moral também permanece para Rousseau uma espécie de “instinto” – ela não se baseia num mero “raciocínio” reflexivo, mas surge de um impulso imediato. Contudo, entre ela e o mero instinto físico de autoconservação estabelece-se não obstante uma fronteira rigorosa. A consciência não é um instinto meramente natural, é um instinto “divino” (CASSIRER, 1989, p.104)

a luz da *consciência*<sup>38</sup> faz-se necessário livrar-se dos preceitos racionais<sup>39</sup> sobre a moral e a virtude e iniciar uma jornada para dentro de si.

Oh! virtude, ciência sublime dessas almas simples, serão necessários, então, tanta pena e tanto aparato para conhecer-te? Teus princípios não estão gravados em todos os corações? E não bastará, para aprender suas leis, voltar-se sobre si mesmo e ouvir a voz da consciência no silêncio das paixões? Aí está a verdadeira filosofia; saibamos contertarmo-nos com ela e, sem invejar a glória desses homens célebres que se imortalizam na república das letras, esforcemo-nos para estabelecer, entre eles e nós, essa gloriosa distinção que outrora se conhecia entre dois grandes povos: um sabia dizer bem e o outro obrar bem. (ROUSSEAU, 1999, p.214)

Essa jornada proposta por Rousseau prevê em parte o caráter naturalista de sua obra; despindo-se das vaidades e do orgulho da sociedade, o homem ainda permanece bom e pode se encontrar com sua própria natureza. Mas como se abster dessa sociedade na qual "*não se encontra senão o contraste disforme entre a paixão que crê raciocinar e o entendimento delirante*"<sup>40</sup> e encontrar as respostas ocultas na raiz da *consciência*? E, principalmente, já que essa busca pela consciência é individual, como exteriorizar seu significado e transformá-lo em uma espécie de 'princípio universal'?

## 2.1) O Andarilho Solitário

Sabemos da insatisfação de Rousseau com a sociedade na qual viveu - segundo ele, ela foi fundamentada na desigualdade e é regida por uma espécie de "desvio" da razão humana; isso, por fim, acabará na desumanização do

---

<sup>38</sup> Fala-se do grito dos remorsos, que pune em segredo os crimes ocultos e os põe tantas vezes em evidência. Em verdade, quem dentre nós não ouviu nunca essa voz importuna? Falamos por experiência; e desejaríamos abafar esse sentimento tirânico que nos dá tanto tormento. Obedeçamos à natureza, e veremos com que doçura ela reina, e que encanto encontramos, depois de a ter escusado, em darmos um bom testemunho de nós mesmos. O mau teme a si próprio e de si foge; alivia-se jogando-se fora de si; deita em derredor olhares inquietos e busca um objeto que o distraia; sem a sátira amarga, sem a zombaria insultante, estaria sempre triste; o riso de escárnio é seu único prazer. Ao contrário, a serenidade do justo é interior; seu riso não tem maldade e sim alegria; carrega-lhe a fonte em si mesmo; está tão alegre sozinho como numa roda; não tira seu consentimento dos que se aproximam dele, e sim lhos comunica. (ROUSSEAU, 1968, p.335)

<sup>39</sup> Temos um guia interior muito mais infalível do que todos os livros e que jamais nos abandona no momento de necessidade. Se quiséssemos ouvi-lo, sempre bastaria para conduzir-nos inocentemente. (ROUSSEAU, 1999, p. 247)

<sup>40</sup> ROUSSEAU, 1999, p. 43

próprio homem. Apesar disso, Rousseau não nega que houveram benefícios significativos advindos das ciências e da razão, mas “*os benefícios das luzes se encontram compensados, e quase anulados, pelos inumeráveis vícios que decorrem da mentira da aparência (...) o espírito humano triunfa, mas o homem se perdeu.*”<sup>41</sup>

O homem social está perdido. Depois do surgimento do amor-próprio e das vaidades, deixamos de ‘ser’ o que somos para apenas ‘parecer’ o que queremos ser para os outros, observando apenas nosso reflexo deformado através dos olhos da opinião pública, assim como afirma Starobinski “*o que está em jogo não é apenas a noção abstrata do ser e do parecer, mas o destino dos homens, que se divide entre a inocência renegada e a perdição doravante certa: o parecer e o mal são uma mesma coisa.*”<sup>42</sup>

Para Rousseau a sociedade é pautada pela opinião dos homens, e nem o mais poderoso rei<sup>43</sup> escapa do julgamento pérfido e das comparações estabelecidas por essa multidão degenerada<sup>44</sup>. O homem se esconde atrás de belas palavras sobre os mais sublimes sentimentos, mas as aparências da sociedade enterraram a verdadeira boa essência da humanidade.

Tudo é certo saindo das mãos do Autor das coisas, tudo se degenera nas mãos do homem. Ele obriga uma terra a nutrir as produções de outra, uma árvore a dar frutos de outra; mistura e confunde os climas; as estações; mutila seu cão, seu cavalo, seu escravo; transtorna tudo, desfigura tudo; ama a deformidade, os monstros. Não quer nada como o fez a natureza, nem mesmo o próprio homem (ROUSSEAU, 1968, p.01)

---

<sup>41</sup> STAROBINSKI, 1991, p.15

<sup>42</sup> *ibid.*

<sup>43</sup> Meus povos são meus súditos, dizes altivamente. Admito-o. Mas quem és tu? O súdito de teus ministros. E que são teus ministros por sua vez? Os súditos de seus funcionários, de suas amantes, os lacaios de seus lacaios. Tomai conta de tudo, usurpai tudo, derramai dinheiro a mancheias; ergueis baterias de canhões; levantai forças e cruces; promulgai leis; multiplicaí os espíões, os soldados, os carrascos, as prisões, as algemas: pobres homenzinhos, de que vos serve isso? Não sereis mais bem servidos, nem menos roubados, nem menos enganados, nem mais absolutos. Direis sempre: queremos, e fareis sempre o que quiserem os outros. (ROUSSEAU, 1968, p.67)

<sup>44</sup> Em meio a tanta filosofia, humanidade, polidez, e máximas sublimes, só temos um exterior enganador e frívolo, honra sem virtude, razão sem sabedoria e prazer sem felicidade. (ROUSSEAU, 1999, p.115)

O primeiro parágrafo do *Emílio* expõe com perfeição à crítica rousseuniana da tentativa do homem mudar a seu bel-prazer tudo que a natureza lhe concede, inclusive a capacidade nefasta da razão que, em desarmonia com a consciência, deforma a própria condição humana<sup>45</sup>. A sociedade para Rousseau é fundamentada nesse jogo de aparências; É possível ‘escapar’ desse círculo vicioso? Com certeza um dos principais entraves na teoria moral de Rousseau - e na sua jornada por autoconhecimento - é a questão de como o homem pode transcender seu próprio tempo e a sociedade em que está inserido no intuito de alcançar essa “fonte” perdida da qual emana o bem natural, chamada *consciência*.

Rousseau percebeu a importância desse problema desde seus primeiros escritos; podemos observar essa preocupação desde a carta de resposta à “*Origem da desigualdade entre os homens*”, endereçada à J.J. Philopolis : “*No meu íntimo, sinto muito bem que dificuldade poderia abster-me de viver com homens tão corrompidos quanto eu, e mesmo um sábio, se é que existe, não irá, atualmente, procurar a felicidade no fundo de um deserto.*”<sup>46 47</sup>

Mesmo com essa afirmação, Rousseau curiosamente toma o caminho em direção à tamanha dificuldade, e acaba por se afastar progressivamente de todo contato humano no decorrer de sua vida<sup>48</sup>. Em seus últimos escritos ele

---

<sup>45</sup> Essas linhas introdutórias devem ser lidas com extrema cautela, pois interpretações apressadas levam invariavelmente ao suposto paradoxo: como podemos supor uma boa essência humana se a perfeição do Autor das coisas se degenera nas mãos do *homem*? Starobinski responde que isso se trata apenas de uma confusão semântica: “É entre as mãos do homem, e não em seu coração, que tudo se degenera. Suas mãos trabalham, mudam a natureza, fazem a história, ordenam o mundo exterior e produzem, com o tempo, a diferença entre as épocas, a luta entre os povos, a desigualdade entre os “particulares”. (STAROBINSKI, p.32). Curiosamente, o próprio Rousseau já havia apontado a dificuldade semântica para descrever seus pensamentos: “Não creio, com isso, contradizer-me com minhas idéias, mas não posso deixar de convir em que me contradigo muitas vezes nas minhas expressões.” (ROUSSEAU, 1968, p.98)

<sup>46</sup> (ROUSSEAU, 1999, p.119).

<sup>47</sup> A mesma preocupação é exposta no *Emílio* quando Rousseau é confrontado com as questões de como criar a criança sem ela ser influenciada inevitavelmente pela sociedade degenerada que habita: “Mas onde colocaremos essa criança para educá-la assim como ser insensível, como um autômato? Na lua, numa ilha deserta? Afastada de todos os humanos? Não terá ela continuamente no mundo o espetáculo e o exemplo das paixões alheias? Não verá nunca outras crianças de sua idade? Não verá seus pais, seus vizinhos, sua ama, sua governanta, seu criado, seu mestre mesmo que, afinal, não será um anjo?” (ROUSSEAU, 1968, p.81)

<sup>48</sup> Nos “Devaneios do caminhante solitário”, Rousseau inicia assim sua primeira caminhada: “Eis-me, portanto, sozinho na terra, tendo apenas a mim mesmo como irmão, próximo, amigo,

explica parcialmente o isolamento súbito ao que se expôs após a publicação do “*Emílio*” como sendo uma espécie de necessidade para escrever suas “*Confissões*”.

A obra que empreendia [*As Confissões*] somente podia ser executada num retiro absoluto; exigia longas e calmas meditações, que o tumulto da sociedade não suporta. Isso me forçou, por algum tempo, a uma outra maneira de viver, na qual, depois, me senti tão bem, que, tendo-a interrompido desde então, somente por necessidade e por poucos instantes, retomei-a com muito gosto e a ela me limitei sem dificuldade logo que o pude fazer e, quando em seguida, os homens me reduziram a viver só, senti que, isolando-me para me tornar infeliz, tinham feito mais para a minha felicidade do que soubera fazer eu mesmo. (ROUSSEAU, 1995, p.45)

Solitária - primeiro por necessidade, depois por costume e até por certo prazer - a caminhada de Rousseau para o encontro de sua essência bondosa parece ter se apresentado na maior parte do tempo como sendo um penoso martírio, um sofrimento voluntário<sup>49</sup> e ao mesmo tempo inevitável pelo caráter didático e reformador de seu pensamento como um todo<sup>50</sup>. *As Confissões* não foram feitas para serem apreciadas por sua beleza literária nem lidas para representarem um simples desabafo autobiográfico de Jean-Jacques; elas são o caminho único e intransferível tomado pelo filósofo para o encontro consigo

---

companhia. O mais sociável e o mais afetuoso dos humanos dela foi proscrito por um acordo unânime” (ROUSSEAU, 1995, p.25) Esse afastamento foi também em parte causado pelas perseguições que decorreram da publicação do *Emílio*, e em parte pela própria paranóia que permeou os últimos anos da vida de Rousseau.

<sup>49</sup> Rousseau expõe claramente sua dificuldade em encontrar o caminho para o abandono de suas vaidades e o encontro da consciência; as dificuldades que encontrou em suas *Confissões* foram um mal necessário para ele finalmente poder viver em paz consigo mesmo, a total honestidade de seus escritos apresentou-se foi um objetivo muito difícil de ser alcançado: “A princípio, encontrei-me num tal labirinto de obstáculos, de dificuldades, de objeções, de tortuosidades, de trevas, que, tentado vinte vezes a tudo abandonar, renunciando a vãs procuras, estive a ponto de ater-me, em minhas reflexões, às regras da prudência comum, sem mais procurá-las em princípios que tinha tanto trabalho em elucidar. Mas essa prudência me era de tal forma estranha, sentia-me tão pouco apto a adquiri-la, que tomá-la como guia não era mais do que querer, através dos mares, das tempestades, procurar sem leme, sem bússola, um farol quase inacessível e que não me indicava nenhum porto.” (ROUSSEAU, 1995, p.46)

<sup>50</sup> Vi muitos que filosofavam bem mais doutamente do que eu, mas sua filosofia lhes era, por assim dizer, estranha. Querendo ser mais sábios do que outros, estudavam o universo para saber como era organizado, como teriam estudado, por pura curiosidade, alguma máquina que tivessem encontrado. Estudavam a natureza humana para dela poderem falar sabiamente, mas não para se conhecerem (...) Quanto a mim, quando desejei aprender, foi para saber e não para ensinar; sempre acreditei que antes de instruir os outros era preciso começar por saber o suficiente de si mesmo, e de todos os estudos que procurei fazer em minha vida entre os homens não há quase nenhum que não teria feito igualmente sozinho, numa ilha deserta, onde teria sido confinado pelo resto de meus dias. (ROUSSEAU, 1995, p.42)

mesmo – elas são o mapa pessoal da “ilha” fugidia chamada *consciência*, que aparece e desaparece entre as névoas do amor-próprio e as tempestades das mentiras e das falsas aparências.

Daí a multiplicidade da obra autobiográfica de Rousseau (...) Á medida que Jean-Jacques mergulha em seu delírio e perde seus vínculos com os homens, o conhecimento de si lhe parecerá mais complexo e mais difícil: O conhece-te a ti mesmo de Delfos não é uma máxima tão fácil de seguir quanto acreditava em suas *Confissões*. O conhecimento é árduo, mas jamais a ponto de a verdade se esquivar, jamais a ponto de deixar a consciência sem recurso. A introspecção nunca deixa de ser possível, e, se a verdade não se impõe imediatamente, bastará um “exame de consciência” para triunfar de todas as obscuridades, no intervalo de um passeio solitário. (STAROBINSKI, 1991, p.187)

Então o isolamento é necessário para se alcançar a consciência? Tudo indica que não. A solidão social nunca foi considerada um fundamento para o autoconhecimento, mas foi esse caminho que Rousseau conseguiu trilhar - aqui é preciso compreender que a escolha de Rousseau não serve de parâmetro para nenhum outro ser humano, e que colocar-se no lugar do homem isolado não significa isolar-se fisicamente<sup>51</sup>.

Então por quais razões Rousseau escolheu o caminho mais tortuoso e se submeteu a mais terrível solidão, se bastava recolher-se em si mesmo para se encontrar com a bondade fundamental? Isso aconteceu porque ele era um homem “fraco”<sup>52</sup>. Jean-Jacques admitiu várias vezes sua fraqueza de caráter e que ele, mesmo a contragosto, se via afetado severamente com a opinião pública e com os olhares que zombavam de sua condição nas ruas das cidades. Não agüentava a hipocrisia social, teve que isolar-se para evitar se transformar em um fantoche e de cometer erros guiados pela vaidade.

Enquanto os homens foram meus irmãos, fazia projetos de felicidade terrena; como esses projetos eram sempre relativos ao todo, somente podia ser feliz de uma felicidade pública e a idéia de uma felicidade particular somente tocou meu coração

---

<sup>51</sup> O meio mais seguro de elevar-se acima dos preconceitos e de ordenar seus julgamentos sobre as verdadeiras relações das coisas, está em colocar-se no lugar de um homem isolado e tudo julgar como esse homem deve julgar ele próprio, em razão de sua utilidade (ROUSSEAU, 1968, p.200)

<sup>52</sup> Depois do esforço que Rousseau realizou para formular um pensamento referente ao mundo e à história universal, ei-lo que se recolhe no plano da subjetividade, como apelido para a interioridade pela própria urgência das questões que colocou em termos históricos e sociais. A época não está pronta para resolver estes problemas, e Jean-Jacques não está desejoso de abandonar a si mesmo e de sair para o mundo da ação. Se há alguma coisa a fazer, a tarefa não diz respeito ao mundo exterior, mas ao eu. (STAROBINSKI, 1991, p.46)

quando vi meus irmãos procurarem a sua apenas na minha infelicidade. Então, para não os odiar, foi realmente necessário fugir-lhes; então, refugiando-me na mãe comum, procurei em seus braços subtrair-me aos ataques de seus filhos, tornei-me solitário, ou, como dizem, insociável e misantropo, porque a mais selvagem solidão me parece preferível à companhia dos maus, que somente se alimentam de traições e de ódio. (ROUSSEAU, 1995, p.96)

A “fraqueza”<sup>53</sup> de Rousseau é justificada pela sua biografia, pelos seus erros expostos nas *Confissões* e pela maneira como viveu e sofreu os males da sociedade. Ele afirma que “o homem é muito forte quando se contenta ser o que é”<sup>54</sup>; ora, a alma de Rousseau era inquieta, sedenta por reconhecimento e pelo aval do público<sup>55</sup>. Ele mesmo reconhecia esse erro em sua formação, e tratou de escrever o “*Emílio*” -- seu sublime tratado sobre a educação do homem do futuro, do cidadão *como ele deveria ser* – sublinhando a necessidade de ser forte e resistir ao jugo das opiniões<sup>56</sup>.

Ó homem, encerra tua existência dentro de si e não serás mais miserável. Fica no lugar que a natureza te designa na cadeia dos seres, nada poderá arrancar-te dele; não te revoltes contra a dura lei da necessidade e não esgotes, querendo resistir-lhe, forças que o céu não te deu para prolongar tua existência e sim, tão somente, para conservá-la como lhe agrada e enquanto lhe agrada. Tua liberdade, teu poder só vão tão longe quanto tuas forças naturais, e não além; tudo mais não passa de escravidão, ilusão, prestígio. A própria dominação é servil, quando se apega à opinião, pois depende dos preconceitos daqueles que governa pelos preconceitos. (ROUSSEAU, 1968, p.66)

É necessário compreender que a filosofia de Rousseau não é a de um eremita<sup>57</sup>. Ela tem uma proposta prática na mudança do homem e,

---

<sup>53</sup> Lançado, desde a infância, no torvelinho da sociedade, aprendi cedo, por experiência, que não era feito para viver nela, onde nunca conseguiria chegar ao estado de que meu coração precisava (ROUSSEAU, 1995, p.42)

<sup>54</sup> ROUSSEAU, 1968, p.63

<sup>55</sup> Quando é preciso fazer o contrário do que desejo, não o faço, aconteça o que acontecer; da mesma forma, não faço minha própria vontade porque sou fraco. Abstenho-me de agir: pois toda a minha fraqueza se revela diante da ação, toda a minha força é negativa e todos os meus pecados são de omissão, raramente de comissão. (ROUSSEAU, 1995, p.88)

<sup>56</sup> De onde vem a fraqueza do homem? Da desigualdade que se encontra entre sua força e seus desejos. São nossas paixões que nos tornam fracos, pois fora preciso, para contentá-las, mais forças do que nos dá a natureza. Diminuí pois os desejos; será como se aumentásseis as forças: quem pode mais do que deseja, as tem, de resto; é certamente um ser muito forte. (ROUSSEAU, 1968, p.172)

<sup>57</sup> Rousseau quer dar à sua palavra solitária o sentido de um desafio negador e de uma profecia. Ao opor-se aos outros, Rousseau não busca unicamente impor seu eu singular, mas faz o esforço heróico de coincidir com os valores universais: liberdade, virtude, verdade, natureza. (STAROBINSKI, 1991, p.52)

conseqüentemente, na mudança da sociedade. Para essas mudanças serem possíveis é necessário ao homem alcançar o sublime estado da *consciência*, e o fazer ressoar com sua razão. São múltiplos os caminhos para se realizar esse “exame de consciência”, e eles se constroem de forma individual, mas o oásis que buscamos permanece igual em todos os homens. Existem várias estradas, mas o destino almejado continua sempre sendo o mesmo: nossa bondade natural.

A mensagem de Rousseau, afinal, acaba sendo muito simples: mesmo que o avanço racional seja inevitável e deslumbrante<sup>58</sup>, não podemos nunca deixar de nos guiar pela bússola interna que é a voz do coração.

## 2.2) A Vontade Geral

Um dos conceitos mais polêmicos de Rousseau diz respeito ao seu famoso “*Contrato Social*” e à maneira com que ele defende a submissão dos cidadãos que habitam esse Estado à “*volonté generale*” - a vontade comum em que se fundamentam as leis desse governo. Essa submissão do indivíduo ao todo foi uma surpresa porque aparentemente contradizia o Rousseau que propagava o individualismo, e várias interpretações errôneas surgiram da leitura desatenta do *Contrato*.

[...] às vezes Rousseau nos aparece como o verdadeiro precursor do individualismo moderno lutando em defesa da liberdade ilimitada do sentimento e do “direito do coração”, e levando esse direito tão longe que acabou perdendo completamente toda ligação ética e todo preceito moral objetivo (...) mas é exatamente a acusação oposta que se costuma fazer contra Rousseau, certamente sem a menor razão. Vemos nele o fundador e o precursor de um socialismo de Estado que simplesmente abandona o indivíduo à totalidade; que o obriga a entrar numa forma estatal fixa no âmbito da qual não existe para ele nenhuma liberdade de ação, nem mesmo liberdade de pensamento (CASSIRER, 1989, p.40)

Para compreendermos corretamente o que propõe o *Contrato*, é necessário entender o que a sociedade significa para Rousseau. Para ele, o

---

<sup>58</sup> Um certo alimento é muito bom em si, mas num estômago enfermo só produzirá indigestão e mau humor. Que dirá de um médico que, depois de ter feito o elogio de algumas carnes suculentas, concluir que todos os doentes deverão fartar-se delas? (ROUSSEAU, 1999, p.236)

Estado não pode ser apenas uma associação de homens, tampouco uma comunidade que - assim como afirma Hobbes - tem como base interesses individuais e egoístas; Pelo contrário, “o Estado não é, segundo ele [Rousseau], um mero sumário empírico de determinados impulsos e inclinações, de determinadas ‘veleidades’<sup>59</sup>, mas sim a forma como a Vontade<sup>60</sup> moral pode realmente aflorar.

Rousseau chega a afirmar que no contrato social “cada um, enfim, dando-se a todos, a ninguém se dá; e como em todo sócio adquiro o mesmo direito que sobre mim lhe cedi, ganho o equivalente de tudo que perco e mais forças para conservar o que tenho<sup>61</sup>”; assim, no pacto social “cada um de nós põe em comum sua pessoa e todo o seu poder sob a suprema direção da vontade geral, e recebemos enquanto corpo cada membro como parte indivisível do todo<sup>62</sup>. Dessa forma que Rousseau explicita o conceito de “eu comum” dentro da sociedade, um guia moral sobre o qual os homens devem se guiar, que ele posteriormente denominaria *consciência*.

É a opacidade da mentira e da opinião que Rousseau acusa, e não a sociedade como tal. Igualmente, não busca ele a solidão por ela mesma (pelo menos é o que diz): a solidão é necessária porque permite ter acesso à razão, à liberdade, à natureza [...] em uma organização social que favorecesse a comunicação das consciências, em uma harmonia fundada na “vontade geral”, nada seria mais pernicioso que o recolhimento do indivíduo em si mesmo e em sua vontade particular. (STAROBINSKI, 1991, p.56)

Rousseau - mal interpretado como um crítico ferrenho do avanço social, acaba por afirmar que a sociedade é a única forma “na qual a passagem da mera arbitrariedade para a vontade pode se conquistar<sup>63</sup>; mas, para isso se concretizar, faz-se necessária uma reforma no pensamento do homem social. Ou seja, para conseguirmos formar essa sociedade ideal, é preciso haver uma mudança de valores que nos faça transpassar as aparências e não viver da

---

<sup>59</sup> CASSIRER, 1989, p.63

<sup>60</sup> Utilizo aqui o V maiúsculo para diferenciar “Vontade geral” da vontade individual.

<sup>61</sup> ROUSSEAU, 2007, p. 30

<sup>62</sup> *ibid.*

<sup>63</sup> *ibid.*

forma em que "*incessantemente a polidez impõe, o decoro ordena; incessantemente seguem-se os usos e nunca o próprio gênio*"<sup>64</sup>.

[...] evidente se mostra em toda a parte o bem comum, e para conhecê-lo basta o bom senso. A paz, a união e a igualdade são inimigas de sutilezas políticas; a própria candidez afasta o embuste dos homens retos e simples; pretextos refinados, ardis, não os subjagam nem são suficientemente finos para serem iludidos. Ao ver, entre alguns dos mais felizes povos do universo, um grupo de camponeses regrar com suma prudência os negócios da República, à sombra de um carvalho, há aí quem não despreze afetações de outros, que se tornam ilustres e miseráveis, com tantos artifícios e mistérios? Um carece, todos as reconhecem; quem as propõe manifesta o parecer geral, e sem facções, sem eloquências, promulgam a lei, que já cada um resolveu observar, apenas certo dos outros a seguirem (ROUSSEAU, 2007, p.93)

Logo se percebe que o projeto da transformação social prevista pelo filósofo no *Contrato*<sup>65</sup> não pode ser aplicada de maneira imediata, e em suas últimas obras, o próprio Rousseau – sentindo-se injustiçado<sup>66</sup> pela sociedade de sua época - posterga o entendimento de suas idéias para o futuro. Em seus *Devaneios*, Rousseau explicita isso ao afirmar que "*contava ainda com o futuro e esperava que uma geração melhor, examinando com maior cuidado seus julgamentos sobre a minha pessoa e seu procedimento para comigo, viesse esclarecer facilmente a fraude dos que a dirigem e me visse finalmente como sou.*"<sup>67</sup>

Por que é sempre reta a vontade geral? Por que querem todos constantemente sua própria dita, senão porque não há ninguém que se não aproprie da expressão cada um, e que, votando por todos, se não lembre de si mesmo? Isso prova que a igualdade de direito e a noção de justiça que ela produz dimanam da preferência que cada um se dá, e por conseguinte da *natureza do homem*; que a vontade geral, para verdadeiramente ser tal, deve-o ser no seu próprio objeto, assim como na sua essência; que deve partir de todos, para a todos se aplicar; e que ela perde sua retidão natural, tendendo a algum objeto individual e determinado porque, ao julgar então o que nos é estranho, não temos nenhum princípio de equidade que nos conduza. (ROUSSEAU, 2007, p.40)

---

<sup>64</sup> ROUSSEAU, 1999, p. 192

<sup>65</sup> ROUSSEAU, 2007.

<sup>66</sup> Os últimos escritos de Rousseau acabam por ter um tom pessimista até mesmo para antever a possibilidade da existência de qualquer transformação social futura: "Os indivíduos morrem, mas os corpos coletivos não morrem. Neles, as mesmas paixões se perpetuam e seu ódio ardente, imortal, como o Demônio que o inspira, tem sempre a mesma atividade." (ROUSSEAU, 1995, p.25)

<sup>67</sup> ROUSSEAU, 1995, p.25

Parece que a dificuldade para compreender a súbita mudança do discurso da *Origem das Desigualdades* para o tom autoritário do *Contrato* está no entendimento incompleto dos motivos das obras de Rousseau. A sociedade que o filósofo propunha não poderia ser formada pelas pessoas para as quais ele escrevia; essa sociedade só poderia vir a existir se fosse povoada e governada por “Emílios”<sup>68</sup> – ou seja, aqueles que pautam sua vida em concordância com a natureza e legislam o povo de acordo com a vontade geral.

As leis! Onde há e onde que são respeitadas? Por toda parte não viste reinarem sobre esse nome senão o interesse particular e as paixões dos homens. Mas as leis eternas da natureza e da ordem existem. Elas servem de lei positiva para o sábio; são escritas no fundo de seu coração pela consciência e pela razão; a essas é que deve escravizar-se para ser livre; e não há escravo senão quem faz mal, porque o faz sempre independentemente de sua vontade. A liberdade não está em nenhuma forma de governo, está no coração do homem livre; ele a carrega para toda parte consigo. O homem vil carrega por toda parte escravidão. (ROUSSEAU, 1968, p.572)

Se enxergarmos a sociedade do *Contrato* como sendo formada por pessoas de acordo com sua natureza, nada mais lógico do que deduzir que a “Vontade geral” dessa sociedade seja soberana e indiscutível, constituindo assim um perfeito senso moral pelo qual devemos nos guiar<sup>69</sup>. Diante dessas condições, a submissão à “Vontade” – pela qual Rousseau foi tão criticado – não é absurda e tampouco será forçada pela coerção do Estado<sup>70</sup>; basta para aceitá-la estar de acordo com a *consciência*, que Rousseau antevê como

---

<sup>68</sup> ROUSSEAU, 1968.

<sup>69</sup> Aqui vale o princípio da “autópsia incondicional” – este princípio de examinar-se e encontrar-se a si mesmo adquire ainda mais importância à medida que se ingressa na verdadeira esfera da consciência de si, no reino da “personalidade”. O postulado da autópsia se reforça aqui num postulado da autonomia. Toda verdadeira convicção ética e religiosa deve estar baseada nela; toda “instrução” moral, toda “doutrina” religiosa permanecem simplesmente ineficazes e infrutíferas desde o princípio se não se limitarem a querer atingir o objetivo do auto-reconhecimento e do conhecimento (CASSIRER, 1989, p.113)

<sup>70</sup> A fim pois de o pacto social não ser um vão formulário, nele tacitamente se inclui nessa obrigação, a única que pode fortificar as outras; que, se qualquer um se recusa a obedecer à vontade geral, todo corpo o force à obediência: isso não significa outra coisa exceto que o *obrigação a ser livre* porque a condição com a qual se dá cada cidadão à pátria lhe assegura toda a independência pessoal. (ROUSSEAU, 2007, p.32)

sendo parte da essência do ser humano. Essa espécie de liberdade positiva<sup>71</sup> é fundamental para a sociedade prevista por Rousseau.

Segundo a firme convicção de Rousseau, surgirá desta espécie de idealismo ético um idealismo político-social autêntico. O homem não verá mais o objetivo da comunidade na mera satisfação instintiva, e não a julgará baseado na amplitude alcançada por esta sua satisfação. Ele verá nela, ao contrário, a fundadora e guardiã do direito – e entenderá que no cumprimento desta tarefa está assegurada, se não a felicidade, pelo menos a dignidade da humanidade (CASSIRER, 1989, p.120)

Dessa forma conseguimos compreender que em Rousseau, assim como o homem precede a sociedade, o sentimento precede a Razão. Portanto, parece não ser possível compreender a política sem compreender o homem em sua verdade. A humanidade em si precede qualquer estabelecimento político, e qualquer estabelecimento político não pode, efetivamente, garantir que o homem seja o que ele é em verdade; para Rousseau a moralidade e a política são esferas indissociáveis, e a razão, para agir bem, deve estar sujeita a moral. A política, por sua vez, deve constantemente se olhar no espelho da natureza humana a fim de garantir-lhe os seus direitos fundamentais que independem de qualquer estabelecimento político.

É preciso estudar a sociedade pelos homens, e os homens pela sociedade: os que quiserem tratar separadamente da política e da moral nunca entenderão nada de nenhuma das duas. Estudando primeiramente as relações primitivas, vê-se como os homens devem ser por elas afetados e que paixões delas devem nascer: vê-se que é reciprocamente pelo progresso das paixões que tais relações se multiplicam e se fortalecem. É menos a força dos braços que a moderação nos corações que torna os homens independentes e livres. Quem quer que deseja pouca coisa, prende-se a poucas pessoas; mas confundindo sempre nossos vãos desejos com nossas necessidades físicas, os que fizeram destas o fundamento da sociedade humana sempre tomaram os efeitos pelas causas e não fizeram senão perder-se em seus raciocínios. (ROUSSEAU, 1968, p.266)

Se Rousseau no “*Contrato*” faz previsões sobre como a sociedade perfeita *deveria ser* constituída e na “*Origem das Desigualdades*” ele descreve *como foi* o homem no estado natural, o que faz a ligação entre esse passado e esse futuro? Qual a ponte que une esses dois extremos? A resposta é a obra mais importante e mais polêmica da vida do filósofo: *Emílio*, o tratado da educação.

---

<sup>71</sup> Nunca acreditei que a liberdade do homem consistisse em fazer o que quer, mas sim em nunca fazer o que não quer, é esta liberdade que sempre reclamei, que muitas vezes conservei e pela qual provoquei maior escândalo entre meus contemporâneos. (ROUSSEAU, 1995, p.88)

### 3) O Novo Homem

“Homem, não desonres o homem”

Jean-Jacques Rousseau

A evolução social - baseada no amor-próprio e nos interesses particulares dos homens - acabou por gerar uma sociedade a tal ponto degenerada que o homem social teve que se esquecer de si mesmo, abafar a voz da natureza e fingir ser algo diferente do que realmente é; acabando por vestir a incômoda máscara da hipocrisia e alimentando-se pela sua própria vaidade em detrimento de sua virtude. Apesar disso, a *consciência* não desapareceu, e o homem é capaz de voltar a viver de acordo com sua bondade natural e sua razão.

Considerai primeiramente que, querendo formar um homem da natureza, nem por isso se trata de fazer dele um selvagem, de jogá-lo no fundo da floresta; mas que, entregue ao turbilhão social, basta que não se deixe arrastar pelas paixões nem pelas opiniões dos homens; que veja com seus olhos, que sinta com seu coração; que nenhuma autoridade o governe a não ser sua própria razão. Nesta posição, é claro que a multidão de objetos que o impressionam, os freqüentes sentimentos que o afetam, os diversos meios de prover a suas necessidades reais, devem dar-lhe muitas idéias que nunca houvera tido ou que houvera adquirido lentamente. O progresso natural do espírito é acelerado, nunca invertido. O mesmo homem que deve permanecer estúpido nas florestas deve tornar-se racional nas cidades, ainda que nelas seja simples espectador. (ROUSSEAU, 1968, p.291)

Não se trata aqui, portanto, de criar um selvagem para viver em meio à cidade, mas sim em formar um homem completo em sua humanidade - íntegro, virtuoso, que não se apegue demasiadamente às opiniões dos outros e que seja sempre inclinado a fazer o bem; mas de que maneira é possível criar uma azaléia em meio ao deserto moral pelo qual se engendraram os homens? Como ser virtuoso em meio à multidão de vícios que emergem das próprias instituições sociais?

A resposta a estas perguntas é fundamental, pois o que Rousseau espera fazer com suas obras é mais do que apenas incentivar uma reflexão sobre a devassidão do homem social; ele quer apontar um caminho possível para um futuro próspero da humanidade. Esse caminho só é possível através da educação.

Mas de que tipo de educação<sup>72</sup>? Com certeza Rousseau não apóia a educação pautada nos preceitos iluministas, que tenta através de conceitos formados educar as crianças. Pelo contrário, a forma como é aplicada a educação institucionalizada é fortemente combatida por Rousseau; para ele “a educação primeira deve ser puramente negativa. Ela consiste, não em ensinar a virtude ou a verdade, mas em preservar o coração do vício e o espírito do erro”<sup>73</sup>. Isso se deve ao fato que a educação negativa se apresenta como sendo “sem preconceitos e sem hábitos.”<sup>74</sup> e, livrando-se dos preconceitos “logo ele [o aluno] se tornaria o mais sensato dos homens; e começando por nada fazer, teríeis feito um prodígio de educação.”<sup>75</sup>

O abuso dos livros mata a ciência. Acreditando saber o que temos, acreditamos dispensados de aprender. Leituras excessivas não servem senão para fazer ignorantes presunçosos. De todos os séculos de literatura, nenhum há que se tenha lido tanto quanto neste, e nenhum que se tenha sido menos sábio. (ROUSSEAU, 1968, p.543)

Apesar de ser necessário prevenir o espírito da criança do julgamento e do erro prematuro<sup>76</sup>, o corpo desse jovem não deve abster-se de estar sempre em contato com a natureza em condição de desenvolver suas forças naturais. Para Rousseau o vigor físico é tão importante quanto à prevenção do erro no espírito, e uma coisa não pode ocorrer sem a outra.

Não se pensa senão em conservar a criança; não basta; deve-se-lhe ensinar a conservar-se sendo homem, a suportar os golpes da sorte, a enfrentar a opulência e a miséria, a viver, se necessário, nos gelos da Islândia ou no rochedo escaldante do Malta (...) trata-se menos de impedi-la de morrer do que fazê-la viver. Viver não é respirar, é agir; é fazer uso de nossos órgãos, de nossos sentidos, de nossas

---

<sup>72</sup> Querei expor aqui a maior, a mais importante, a regra mais útil de toda educação? Não está ela em ganhar tempo e sim em perder. Leitores vulgares, perdoai meus paradoxos; é preciso fazê-los quando se reflete; prefiro ainda ser homem a paradoxos do que homem a preconceitos. (ROUSSEAU, 1968, p.79)

<sup>73</sup> ROUSSEAU, 1968, p.88

<sup>74</sup> *ibid.*

<sup>75</sup> *ibid.*

<sup>76</sup> Que diríeis de um homem que para tirar proveito total da vida jamais quisesse dormir? Diríeis: esse homem é insensato; não aproveita o tempo, perde-o; a fim de fugir do sono corre para a morte. Refleti em que se trata da mesma coisa, e que a infância é o sono da razão (ROUSSEAU, 1968, p.97)

faculdades, de todas as partes de nós mesmos que nos dão o sentimento de nossa existência. O homem que mais vive não é aquele que conta maior número de anos e sim o que mais sente a vida. (ROUSSEAU, 1968, p.16)

A tarefa de exercer essa espécie de educação negativa<sup>77</sup> em meio ao turbilhão social é mais difícil do que aparenta, e Rousseau não subestima as dificuldades que o aguardavam na criação desse homem da natureza denominado por ele de Emílio, mas o filósofo tampouco se importa demasiadamente com essas questões expostas pelos outros pensadores de sua época.

Quanto mais insisto no meu método inativo, mais sinto as objeções se reforçarem: [os críticos dirão] Se vosso aluno não aprender nada de vós, aprenderá dos outros. Se não prevenirdes o erro com a verdade, ele aprenderá mentiras; os preconceitos que temeis dar-lhe, ele os receberá de tudo o que o cerca, ele os terá através de todos os seus sentidos; ou corromperão sua razão, antes mesmo que esteja formada, ou seu espírito, entorpecido por uma longa inatividade, se absorverá na matéria. A falta de hábito de pensar na infância tira a faculdade de fazê-lo durante o resto da vida. (ROUSSEAU, 1968, p.111)

As objeções feitas pelos críticos não passam de conjecturas vazias para Rousseau: ele, por ser mais um observador da natureza do que um cientista; por se achar mais em busca de uma verdade do que da fama, e por ser antes um homem do que um filósofo; acredita encontrar-se em condições de se abster dos vãos exercícios de retórica sobre sua obra<sup>78</sup>, e satisfaz-se apenas em ser honesto consigo mesmo, vislumbrando os resultados hipotéticos de sua educação<sup>79</sup>.

---

<sup>77</sup> Conhecido o princípio, percebemos claramente o ponto em que abandonamos o caminho da natureza; vejamos o que é preciso fazer para nele nos mantermos (ROUSSEAU, 1968, p.49)

<sup>78</sup> Ainda que os filósofos estivessem em condição de descobrir a verdade, qual entre eles teria interesse nela? Cada um deles sabe que seu sistema não é mais bem alicerçado que o dos outros, mas o sustenta porque é seu. Não há um só que, chegando a conhecer o verdadeiro e o falso, não prefira a mentira que encontrou à verdade descoberta por outro. Onde se encontra o filósofo que, por sua glória, não enganaria de bom grado o gênero humano? Onde se encontra o que, no segredo de seu coração, se proponha a outro objetivo senão o de se distinguir? Conquanto se eleve acima do vulgo, conquanto destrua seus concorrentes, que quer mais? O essencial está em pensar diferentemente dos outros. Entre os crentes ele é ateu, entre os ateus seria crente. (ROUSSEAU, 1968, p.308)

<sup>79</sup> Sei que, obstinando-se a só imaginar o que vêem, encararão o jovem que apresento como um ser imaginário, de fantasia, porque difere daqueles a que o comparam; sem pensarem que é preciso mesmo que difira, porquanto, educado diferentemente, com sentimentos contrários aos dos outros, instruído de outra maneira, seria muito mais surpreendente que a eles se assemelhasse do que ser como o suponho. Não é o homem do homem, é o homem da natureza. (ROUSSEAU, 1968, p.289)

É assim que, raciocinando comigo mesmo, consegui não mais me deixar abalar em meus princípios por argumentos capciosos, por objeções insolúveis e por dificuldades que ultrapassavam meu alcance e talvez o do espírito humano. O meu, permanecendo na mais sólida situação que lhe pudera dar, acostumou-se tão bem a nela descansar ao abrigo de minha consciência, que nenhuma doutrina estranha, antiga ou nova, pode mais comovê-lo nem perturbar por um instante, meu repouso. Tendo caído na apatia e no entorpecimento do espírito, esqueci até mesmo os raciocínios sobre os quais baseava minha crença e meus princípios, mas nunca esquecerei as conclusões que dela tirei com a aprovação de minha consciência e de minha razão e a isso me atenho doravante. (ROUSSEAU, 1995, p.50)

Naturalmente, a proposta de Rousseau é criar Emílio nos campos, longe do luxo e da opulência das cidades; um lugar perfeito para ele conseguir desenvolver suas habilidades naturais e evitar enfrentar suas paixões<sup>80</sup> antes do previsto – mas essa condição não é uma regra. O homem bem educado, onde quer que seja criado, é capaz de ouvir a voz de sua consciência e agir conforme sua razão.

Ademais, a obra *Emílio* não é um manual de educação: os pormenores descritos da criação de Emílio, educado de acordo com suas inclinações naturais, são somente úteis para o próprio. As regras gerais aplicam-se para todas as crianças e para todos os mestres, mas - assim como na jornada para o encontro da consciência - a educação deve ser feita de maneira individual, e o método varia de acordo com o aluno e com suas próprias paixões e sentimentos. Não é a toa que para Rousseau a responsabilidade do mestre é maior que a do próprio aluno: *“Homem prudente, atentai longamente para a natureza, observai cuidadosamente vosso aluno antes de lhe dizerdes a primeira palavra; deixai antes de tudo que o germe de seu caráter se revele em plena liberdade, não exerçais nenhuma coerção a fim de melhor vê-lo por inteiro.”*<sup>81</sup>

Meus exemplos, bons talvez para um indivíduo, serão maus para mil outros. Em se atendo a seu espírito, será fácil variá-los se necessário; a escolha prende-se ao estudo do temperamento de cada um, e esse estudo decorre das oportunidades que

---

<sup>80</sup> [...] quanto mais o homem permanece perto de sua condição natural, mais a diferença de suas faculdades com seus desejos se faz pequena e menos, por conseguinte, ele se acha longe de ser feliz. Ele não é nunca menos miserável do que quando parece desprovido de tudo; pois a miséria não consiste na privação das coisas e sim na necessidade que delas se faz sentir. (ROUSSEAU, 1968, p.63)

<sup>81</sup> ROUSSEAU, 1968, p.80

lhe damos de se revelarem. Não se há de imaginar que, no espaço de quatro a cinco anos que devemos encarar aqui, possamos dar à criança mais bem dotada uma idéia de todas as artes e de todas as ciências naturais suficiente para aprendê-las um dia sozinha; mas fazendo passar assim diante dela todos os objetos que lhe importa conhecer, nós a pomos na condição de desenvolver seu gosto, seu talento, de dar os primeiros passos para aquilo que a impele seu temperamento, e a indicar-nos o caminho a seguir, a fim de secundar-lhe a natureza. (ROUSSEAU, 1968, p.210)

A proposta de Rousseau é que, ao conhecer as fraquezas e inclinações de Emílio desde a sua infância<sup>82</sup>, ele possa moldá-lo adequadamente para a chegada da idade da razão, que deve ser de acordo com seu curso natural. Nada é mais prejudicial do que ensinar crianças a decorarem preceitos incompreensíveis para elas<sup>83</sup> mesmas. Isso é o mesmo que ensiná-las a mentir; e, como sabemos, a mentira<sup>84</sup> para ele é a fonte da depravação humana<sup>85</sup>.

[...] a doutrina pedagógica de Rousseau aceitava fazer intervir a reflexão como etapa necessária da evolução da consciência. Por certo, é nefasto apelar muito precocemente ao julgamento da criança; Emílio, de início, é capaz apenas de sentir. Não se deve impor-lhe um esforço artificial que o separe da realidade imediatamente percebida. Mas chega um momento, por volta da puberdade, em que o espírito está maduro para a reflexão. Em uma educação segundo a natureza, a reflexão tem o direito de intervir, mas à sua hora, na idade que lhe convém. Rousseau constrói então

---

<sup>82</sup> O método de Rousseau para a educação na infância é basicamente empírico. A criança saudável deve sentir suas capacidades, viver através de seus sentidos e compreender a extensão de suas forças: "Como tudo que entra no conhecimento humano entra pelos sentidos, a primeira razão do homem é uma razão perceptiva; ela é que serve de base à razão intelectual: nossos primeiros mestres de filosofia são nossos pés, nossas mãos, nossos olhos. Substituir tudo isso por livros, não é ensinar-nos a raciocinar, é ensinar-nos a nos servirmos da razão de outrem; é ensinar-nos a acreditarmos muito e a nunca sabermos coisa alguma" (ROUSSEAU, 1968, p.121)

<sup>83</sup> Conclui-se disso que as mentiras das crianças são todas obras de seus mestres e que querer ensinar-lhes a dizer a verdade não passa de ensinar-lhes a mentir (...) Queremos ter novos meios de influenciar seu espírito mediante máximas sem fundamento, preceitos sem razão e gostamos mais de que saibam suas lições e mintam, do que permaneçam ignorantes e autênticas (ROUSSEAU, 1968, p.91)

<sup>84</sup> A própria justiça está na verdade das coisas; a mentira é sempre iniquidade, o erro é sempre impostura, quando apresentamos o que não é como a regra do que devemos fazer ou crer: e, seja qual for o efeito que resulte da verdade, nunca somos culpados ao dizê-la porque nela nada pusemos de nosso. (ROUSSEAU, 1995, p.58)

<sup>85</sup> Mas vede meu Emílio; até à idade em que o conduzi, nada sentiu nem mentiu. Antes de saber o que seja amar, ele não disse a ninguém: gosto de vós. Não lhe prescreveram a atitude que devia ter ao entrar no quarto de seu pai, de sua mãe, ou de seu governante doente; não lhe ensinaram a arte de mostrar uma tristeza que não tinha. Não fingiu chorar a morte de ninguém, porque não sabe o que seja morrer. A mesma insensibilidade que tem no coração tem também nos seus modos. Indiferente a tudo, com exceção de si mesmo, como todas as demais crianças, não demonstra interesse por ninguém; tudo o que o distingue é que não que parecer interessar-se e não é falso como os outros. (ROUSSEAU, 1968, p.248)

um esquema dinâmico em que o desenvolvimento da atividade reflexiva constitui uma fase intermediária entre o estado infantil da sensação imediata e a descoberta do sentimento moral, que constituirá uma síntese superior que une o imediato do instinto e a exigência espiritual despertada pela reflexão. (STAROBINSKI, 1991, p.213)

O respeito pelo tempo natural do homem no desenvolvimento correto de suas faculdades é parte essencial para a educação em Rousseau; Mas quem é seu aluno? Seria possível criar alguém como Emílio no mundo real? Rousseau acreditava firmemente que sim; afinal, segundo sua própria lógica, existe um personagem parecido com o Emílio dentro de cada um de nós, não sendo preciso ter uma alma privilegiada nem ser ensinado sobre a virtude para agir de forma virtuosa.

Quereis agora julgá-lo por comparação? Misturai-a com outras crianças e deixai-a agir. Vereis logo qual a mais realmente formada, quem mais se aproxima da perfeição de sua idade. Entre as crianças da cidade nenhuma é mais esperta do que ela, mas ela é mais forte do que qualquer outra. Entre os jovens camponeses ela os iguala em força e os ultrapassa em habilidade. Em tudo o que está ao alcance da infância, ela julga, raciocina, prevê melhor do que os outros. Trata-se de agir, de correr, de pular, de sacudir alguma coisa, de carregar pesos, de calcular distâncias, de inventar jogos, de ganhar prêmios? Dir-se-á que a natureza está às suas ordens a tal ponto ela sabe dobrar as coisas à sua vontade. Ela é feita para guiar, para governar seus iguais: o talento, a experiência, dão-lhe direito e autoridade. Daí-lhe o traje e o nome que vos agrada, pouco importa, ela brilhará em toda parte, em toda parte se tornará chefe dos outros; estes sentirão sempre sua superioridade; sem querer comandar ela será o senhor; sem pensar em obedecer os outros obedecerão. (ROUSSEAU, 1968, p.169)

Podemos assim facilmente concluir qual é a mais importante questão que Rousseau apresenta no conjunto de suas obras. Após demonstrar como a depravação do homem social ocorreu através do mau uso de sua razão e de propor uma sociedade utópica para o futuro, no *Emílio* ele dá o primeiro passo para sua questão principal: a regeneração moral do homem através da educação.

### 3.1) A Nova Humanidade

O homem, deixando-se levar pela sua bondade natural, novamente irá alinhar-se com a natureza e voltar para o caminho que jamais deveria ter abandonado. A educação transformará os homens e, conseqüentemente, a sociedade e suas instituições; ao sermos prevenidos do erro e seguindo a voz

de nossa consciência, não precisaremos mais mentir; seguindo nossa razão, os valores sociais serão alterados e a vontade geral prevalecerá sobre o egoísmo. Emílio é o perfeito exemplo de homem natural e de cidadão, que preserva as qualidades tanto de servo como de líder.

Não será festejado por ser um homem amado, mas gostarão dele sem saber por quê; ninguém elogiará seu espírito, mas o tomarão como juiz entre pessoas de espírito; o seu será limpo e limitado, terá o senso reto e o julgamento sadio. Não correndo nunca atrás das idéias novas não poderá vangloriar-se de espírito [...] Seu caminho é estreito e bem traçado; não sendo tentado a sair dele, fica confundido com os que o seguem; não quer se perder nem brilhar. Emílio é um homem de bom senso e não deseja ser outra coisa: por mais que o injuriem por isso, sempre se considerará honrado com isso [...] Imaginai meu Emílio, com pouco mais de vinte anos, bem formado, bem constituído de espírito e de corpo, forte, sadio, bem disposto, hábil, robusto, sensato, dotado de razão, de bondade, de humanidade, de bons costumes, de gosto, amando o belo, fazendo o bem, liberto do império das paixões cruéis, isento do jugo da opinião, mas submisso à lei da sabedoria, e dócil à voz da amizade; possuindo todos os talentos úteis e vários talentos agradáveis; preocupando-se pouco com as riquezas, carregando seus recursos com as mãos, não tendo medo de carecer de pão, em nenhuma circunstância. (ROUSSEAU, 1968, pp. 403 - 503)

Assim, livre de preconceitos e de raciocínios que não os seus próprios<sup>86</sup>, Emílio poderá seguir a ciência sem a depravação do egoísmo e escutar a voz de sua consciência sem se preocupar com as opiniões dos outros. Com a pureza de sua razão, se tornará o melhor dos cientistas, se aproximando do divino; com a bondade natural de seu coração, destacará todas as sublimes virtudes humanas.

Para Rousseau a Ciência e a sociedade só serão verdadeiramente benéficas para o gênero humano se forem conduzidas por homens como estes<sup>87</sup>.

Se é preciso permitir a alguns homens entregarem-se ao estudo das ciências e das artes, isso só se fará com aqueles que se sentirem com forças para andarem sozinhos em suas sendas e ultrapassá-las; é a esse pequeno número que cabe elevar monumentos à glória do espírito humano (...) para fazer bom uso da ciência é preciso reunir grandes talentos e grandes virtudes. Isso só se pode esperar de algumas almas privilegiadas, e não se pode esperar de um povo em seu todo (...) há somente um pequeno número de homens de gênio para os quais a noção de sua ignorância se desenvolve enquanto adquirem conhecimentos e só a eles o estudo pode beneficiar (ROUSSEAU, 1999, p.213. 242-244. p.247)

---

<sup>86</sup> Forçado a aprender por si, usa sua razão e não a de outrem; porque para nada dar à opinião é preciso não dar nada à autoridade; e, em sua maioria, nossos erros vêm menos de nós que dos outros. (ROUSSEAU, 1968, p.230)

<sup>87</sup> "O estudo do universo deveria elevar o homem a seu criador, eu o sei, mas só eleva a vaidade humana" (ROUSSEAU, 1999, p. 246)

Em uma sociedade formada por Emílios e Sofias<sup>88</sup>, nada mais natural do que respeitar a vontade geral e seguir a religião natural<sup>89</sup>; Para Rousseau isso não significa abdicar da liberdade individual, pelo contrário, o respeito para com essas instituições é a única maneira de exercer a liberdade humana em sua plenitude.

Cada um de nós põe em comum sua pessoa, sua vida, todo o seu poder, sob a suprema direção da vontade geral, e recebemos cada membro como se fosse parte invisível do todo [...] segundo o pacto social, o soberano, não podendo agir senão mediante vontades comuns e gerais, seus atos não devem ter tampouco senão objetivos gerais e comuns; do que se deduz que um particular não pode ser lesado diretamente pelo soberano sem que o sejam todos, o que não é possível, o que seria querer prejudicar a si mesmo. Assim, o contrato social nunca tem necessidade de outra garantia senão a força pública, porque a lesão não pode vir senão dos particulares; e estes não se acham com isso libertos de seu compromisso e sim punidos por o terem violado. [...] Os particulares não estando sujeitos senão ao soberano, e a autoridade soberana não sendo outra coisa que a vontade geral, veremos como cada homem, obedecendo ao soberano, não obedece senão a si mesmo, e como se é mais livre com o pacto social do que no estado de natureza. (ROUSSEAU, 1968, pp. 556 - p.557)

Rousseau não deixa claro seu pensamento sobre o papel das instituições do Estado em sua nova proposta de educação, mas tudo nos leva a inferir que a interferência do poder público na formação dos jovens *Emílios* deve ser feita com cautela e respeitando a evolução natural do raciocínio da criança; se por um lado Rousseau chega a lamentar que não existam mais tutores particulares para cada criança<sup>90</sup>, me parece que ele compreende que seja impossível individualizar a educação coletiva no nível ideal; nível este no

---

<sup>88</sup> Sofia é o nome dado por Rousseau à mulher de Emílio, que também foi criada de acordo com a educação natural: "Nunca direi demais que ponho de lado os prodígios. Emílio não é um nem Sofia tampouco. Emílio é um homem e Sofia é uma mulher; eis toda sua glória. Na confusão dos sexos que reina entre nós, já é quase um prodígio ser do seu próprio." (ROUSSEAU, 1968, p.471)

<sup>89</sup> Demais, qualquer partido que tomastes, lembrai-vos de que os verdadeiros deveres da religião são independentes das instituições dos homens; de que um coração justo é o verdadeiro templo da divindade; de que, em qualquer país e em qualquer seita, amar a Deus acima de tudo e ao próximo como a si mesmo é o sumário da lei; de que não há religião que dispense dos deveres da moral, só eles realmente essenciais; de que o culto interior é o primeiro dos deveres, pois sem a fé nenhuma virtude verdadeira existe. (ROUSSEAU, 1968, p.367)

<sup>90</sup> Infelizmente não há mais educação particular nas grandes cidades. Nestas, a sociedade se mistura geralmente tanto que não há mais lugar para o retiro ou para a intimidade. À força de viver com todo mundo, não se tem mais família; mal conhecem os pais, vêem-nos como estranhos; e a simplicidade dos costumes domésticos extingue-se juntamente com a doce familiaridade que lhe dava encanto. Assim é que se adquire logo cedo o gosto pelos prazeres do século e pelas máximas que reinam (ROUSSEAU, 1968, p.465)

qual o tutor seja ao mesmo tempo um amigo e uma figura paterna, concebendo seus ensinamentos de acordo com o caráter da criança<sup>91</sup>. Ademais, o conhecimento deve ser aplicado sempre quando possível através da experiência e transpassando a subjetividade do aluno, *“a educação verdadeira é apreendida. Apenas de maneiras imperfeitas se tenta reduzi-la à fórmulas teóricas; elas precisam ser experimentadas e dominadas na prática se quiserem se tornar familiares a nós.”*<sup>92</sup>

Quando vejo que na idade de maior atividade, limitam os jovens a estudos puramente especulativos, e que depois, sem a menor experiência, eles são subitamente jogados na sociedade e nos negócios, acho que não chocam menos a razão do que a natureza, e não me surpreende mais que tão pouca gente saiba conduzir-se [...] pretendem instruir-nos para a sociedade e instruem-nos como se cada um de nós devesse passar a vida a pensar sozinho em sua cela ou a tratar de assuntos vagos com indiferentes. Acreditais ensinar a viver a vossos filhos ensinando-lhes certas contorções de corpo e certas fórmulas de palavras que não significam nada. (ROUSSEAU, 1968, p.284)

A educação não é uma exceção no pensamento de Rousseau, e assim como todos os outros assuntos tratados pelo filósofo, não deve ser vista como um conceito separado do resto de sua obra. Não existe delimitação fixa entre a política, a moral e a epistemologia rousseauniana; para estudar corretamente os conceitos singulares deste filósofo é necessário ter uma compreensão geral daquilo que permeia todo seu pensamento: o homem e, doravante, sua regeneração moral.

Emílio, homem livre e virtuoso, que faz uso pleno de sua razão, é o legado que Rousseau deixa para a posteridade. Apesar de todas as perversões, o homem ainda conservou sua bondade natural<sup>93</sup>; esse é seu elo com o divino e com o verdadeiro motivo de sua existência. Emílio é um homem

---

<sup>91</sup>Cada espírito tem sua forma própria segundo a qual precisa ser governado e o êxito depende de ser governado por essa forma e não por outra. (ROUSSEAU, 1968, p.80)

<sup>92</sup> CASSIRER, 1989, p.113

<sup>93</sup> Toda a moralidade de nossas ações está no julgamento que temos de nós mesmos. Se é verdade que o bem seja bem, é preciso que se ache no fundo de nossos corações como em nossas obras, e a primeira recompensa da justiça é sentir que a praticamos. Se a bondade moral está de conformidade com a nossa natureza, o homem não pode ser são de espírito nem bem constituído senão na medida em que é bom. Se não o é, e o homem é naturalmente mau, não o pode deixar de ser sem se corromper, e a bondade não passa nele de um vício contra a natureza. Feito para prejudicar seus semelhantes, como o lobo para esganar sua presa, um homem humano seria um animal tão depravado quanto um lobo piedoso; e somente a virtude nos deixaria remorsos. (ROUSSEAU, 1968, p.333)

de bem, e que confia no bem dos homens, ele vê que *“todos os homens usam mais ou menos a mesma máscara, mas sabe também que há rostos mais belos do que a máscara que os cobre”*<sup>94</sup> e, exatamente por essa razão, ele não pode desistir da humanidade.

Acredito portanto que o mundo é governado por uma vontade poderosa e sábia; eu o vejo, ou melhor, eu o sinto e é que me importa saber. Mas este mundo é eterno ou foi criado? Haverá um princípio único das coisas? Haverá dois ou muitos? E qual sua natureza? Não sei, e pouco me importa. Na medida em que esses conhecimentos se me tornem interessantes eu me esforçarei por adquiri-los; até lá renuncio a perguntas ociosas que podem inquietar meu amor-próprio, mas que são inúteis à minha conduta e superiores à minha razão. (ROUSSEAU, 1968, p.319)

---

<sup>94</sup> (ROUSSEAU, 1968, p.267)

## Considerações Finais

Algumas notas ressoavam no velho piano, e a suave sonoridade emanada através dos bosques verdejantes servia perfeitamente como acompanhamento àquele belo pôr-do-sol na pacata comuna de Ermenonville; os dedos ágeis do velho músico eram acompanhados atentamente pelos olhos do anfitrião Sr. de Girardin, – havia muito tempo que não ouvia uma canção tão bela, tocada de maneira tão apaixonada – ele não podia deixar de se impressionar pela disposição apresentada por seu malfadado hóspede<sup>95</sup>.

Quando a última nota, tocada com força, esvaeceu-se e deu lugar ao costumeiro silêncio, o fidalgo aplaudiu efusivamente:

“Bravo, senhor Jean-Jacques, bravo!”

Sentado na velha banquetta, Rousseau deu um longo suspiro que pareceu levar uma eternidade; ele sempre se considerou mais um músico do que um pensador, e suas antigas composições frequentemente o faziam perder-se em seus devaneios, trazendo memórias de um passado distante. Ah! O que não faria para voltar aos velhos tempos, em que o universo parecia conspirar em seu favor.

Nascera pequeno burguês de Genebra, tímido, sem vontade, sem caráter marcado, entregue desde muito cedo a todos os riscos de uma vida aventureira, sonhando, flanando, muito bem dotado, mas indolente, inconstante, preguiçoso, esquecido, sem espírito de continuidade, sem atender pelo espírito de amanhã [...] Mas um dia, repentinamente, de improviso, o gênero cai sobre ele e uma espécie de relâmpago o aterra como a São Paulo, ilumina-o e põe-lhe a pena – a arma que queima – na mão. (ROLLAND, 1960, p.13)

Rousseau sempre sonhou em ser músico, mas uma epifania em meio à estrada deserta lhe revelara sua missão, até então desconhecida – deveria escrever a verdade sobre o homem, e trazer bom senso àquele mundo degenerado pelo egoísmo. Infelizmente suas forças não foram suficientes para

---

<sup>95</sup> [Rousseau] Teve a ventura, no último mês de sua vida, de ser retirado da sua pobre habitação de Paris, para o mais harmonioso dos campos, para Ermenonville, distante nove léguas da capital, pela delicada generosidade de um fidalgo, o Sr. De Girardin. Aí se instalou a 20 de maio de 1778 e aí gozava as delícias desse pequeno paraíso. Sua saúde parecia melhorar. Em fins de junho, um visitante inglês, M. de Magellan ouviu-o acompanhar ao piano a canzonetta do “Salgueiro”, no “Otelo” que foi a última de suas composições, na quinta-feira de manhã, 2 de julho de 1778, era fulminado. (ROLLAND, 1960, p.45)

o levarem a concluir seu destino, e parecia que seu motivo para viver já não mais existia.

A desolação de Rousseau exprime-se com maior intensidade quando ele se depara com a inevitável dificuldade em seu pensamento de transpor o plano subjetivo para a transformação de uma realidade objetiva; seu maior propósito era tocar o coração da humanidade, mas ele não havia concebido corretamente a dificuldade de sua própria jornada interna<sup>96</sup>: ele afirmou que “o conhece-te a ti mesmo do Templo de Delfos não era uma máxima tão fácil de seguir quanto o julgara nas minhas Confissões.”<sup>97</sup>; e, se conhecer-se já é difícil, fazer as outras pessoas alcançarem a bondade natural transfigura-se em uma tarefa grande demais para qualquer mortal – a confiança na vontade divina é que move o filósofo, e seu pensamento torna-se vão se não for acompanhado pela fé nos homens.

“Julgo a ordem do mundo, embora lhe ignore a finalidade, porque para julgar essa ordem basta comparar as partes entre si, estudar suas relações, observar sua harmonia. Ignoro porque o universo existe, mas não deixo de ver como é modificado; não deixo de perceber a correspondência íntima em virtude da qual os seres que o compõem se prestam auxílio mútuo. Sou como um homem que visse pela primeira vez um relógio aberto e não deixasse de admirar a obra, embora não conhecesse o uso da máquina e nem tivesse visto o mostrador. Não sei, diria, para que serve o conjunto; mas vejo que cada uma das peças é feita para as outras; admiro o artesão no pormenor de sua obra e tenho certeza de que todas estas engrenagens só funcionam juntas para um fim comum que me é impossível perceber.” (ROUSSEAU, 1968, p.317)

A vida de Rousseau foi repleta de momentos trágicos; momentos em que o ódio dos outros homens, amplificados por sua própria paranóia de perseguição, pareciam vencer a vontade moral deste homem solitário - mas no auge de seu desespero, quando o pensador se encontrava cansado e exausto, ele era salvo pela própria integridade que cultivou. Dizia a verdade, era sincero

---

<sup>96</sup> “[...] se às vezes me perguntava: o que estou fazendo? Aonde vou? Qual meu objetivo? Respondia a mim mesmo: o que fiz ao nascer senão iniciar uma viagem que só deve terminar com minha morte? Cumpro minha tarefa, fico no meu lugar, uso esta curta vida com inocência e simplicidade, já faço um grande bem com o mal que deixo de fazer entre meus semelhantes, satisfaço minhas necessidades satisfazendo as deles, eu os sirvo sem jamais prejudica-los, dou-lhes o exemplo de ser bom e feliz sem preocupação e dificuldade: repudiei meu patrimônio, e vivo; não peço esmola, e vivo. Sou, portanto, útil aos outros na proporção de minha subsistência: pois os homens não dão nada em troca de nada” (ROUSSEAU, s/d, p.195)

<sup>97</sup> ROUSSEAU, 1995, p.52

consigo mesmo e através de seus escritos, então não tinha nada a temer; recolhendo-se em si mesmo<sup>98</sup>, Rousseau encontrava sua fonte de salvação.

São eles que devem se esconder diante de mim, esconder-me suas intrigas, fugir à luz do dia, enterrar-se na terra como toupeiras. Quanto a mim, que me vejam, se o puderem, tanto melhor, mas isso lhes é impossível; nunca verão em meu lugar senão o Jean-Jacques que criaram para si mesmos e que criaram como desejavam, para odiá-lo à vontade. Estaria errado, portanto, afligindo-me com a maneira pela qual me vêem: não devo realmente interessar-me por isso, pois não sou eu que vêem desta maneira” (ROUSSEAU, 1995, p.88)

A opinião pública que - mal interpretando suas obras – fez Rousseau por certo tempo duvidar da condição de esclarecimento dos homens. Se ele chegou a perguntar “*amor, honra, fé, virtudes, onde estão vocês?*”<sup>99</sup> é porque observava uma incompreensão tão grande de suas palavras<sup>100</sup> e tão poucas demonstrações de sentimentos verdadeiros em meio à sociedade, que ele chegou mesmo ao ponto de considerar o poder das instituições como sendo uma espécie de ‘*demônio imortal*’, que espalhava por todas as gerações conceitos equivocados e incentivava essa razão desregrada - por outro lado, se a fé abalada nos homens se mantinha viva por causa da *consciência*; a depravação da sociedade não era incorrigível devido à força da chamada *vontade geral*, onde a moralidade coletiva encontra-se sempre presente.

---

<sup>98</sup> No livro inacabado intitulado “Emílio e Sofia” – um de seus últimos escritos, que serviria como continuação para sua grande obra – Rousseau escreve sobre as infelicidades que afligem Emílio quando ele descobre que Sofia o traía; parecia que todos estavam agora contra ele, e que sua fortuna de outrora o havia abandonado para sempre. A relação desta obra com o fim da vida do autor é clara, e a salvação vinda da velha fórmula socrática do “conhece-te a ti mesmo” é com certeza uma das tônicas principais: “[...] bastou conhecer a mim mesmo; definido o meu lugar, tudo foi encontrado. Aprendi, assim, que a sabedoria primeira está em querer aquilo que é e acertar o coração pelo próprio destino. É a única coisa que depende de nós [...] todo o resto é inevitável. Aquele que mais luta contra seu destino é o menos sensato e sempre o mais infeliz [...] Não podendo, então, me proteger de todos os laços que nos atam às coisas, você me ensinou a, ao menos, escolhê-los, a abrir minha alma apenas aos mais nobres, a não ligá-la senão aos mais dignos objetos que são meus semelhantes, a estender, por assim dizer, o eu humano sobre toda a humanidade, e a me preservar assim das vis paixões que o restringem” (ROUSSEAU, s/d, pp. 21-23)

<sup>99</sup> ROUSSEAU, s/d, p.69

<sup>100</sup>[...] a opinião pública que dele se apoderou, emprestou-lhe um alcance revolucionário que Rousseau teimava, sem sucesso, em recusar. Viram nele o destruidor da civilização, o renovador que pretendia fazer tábua rasa de todas as suas conquistas. E ele apenas pretendia salvar-se [...] desprendendo-se deste mundo hipercultivado, civilizado até o excesso mórbido e à “deterioração da espécie” – mas sem esperar, nem tentar, a cura do incurável. (ROLLAND, 1960, p.26)

[...] a vontade geral está aniquilada ou corrompida? Não; ela é sempre constante, inalterável e pura, mas submissa a outras que a superam. Desunindo cada um de seu interesse do interesse comum, bem vê que não os pode inteiramente separar, mas a sua parte do mal público lhe parece nada se contraposta ao bem exclusivo de que se apropria; exceto esse bem particular, ele quer o bem geral por seu próprio interesse, e com tanto ardor como qualquer outro; mesmo vendendo o voto a peso de ouro, não apaga em si a vontade geral, ilude-a; o seu erro é mudar o estado da questão e dar à pergunta diferente resposta; de maneira que, em lugar de seu voto dizer: é vantajoso ao Estado, diz: é vantajoso a tal homem ou a tal partido que esta ou aquela proposta seja aprovada.” (ROUSSEAU, 2007, p.94)

Ao abrir os olhos, Jean-Jacques saiu de seu breve e nostálgico êxtase e com um aceno de cabeça agradeceu ao Sr. Girardin, em pé ao lado do piano; há tempos não sentia essa esse tipo de paz; aquele momento trazia, de alguma maneira, a plenitude que ele sempre buscou - a noite caía para fora da janela, e o canto das cigarras transformava aquela cena bucólica em um verdadeiro paraíso para Jean-Jacques.

Rousseau esboçou um meio sorriso.

Sua missão estava chegando ao fim.

Menos de duas semanas depois - no dia 02 de julho de 1778 - Jean-Jacques Rousseau deixou a vida terrena para entrar para as páginas da História como um dos mais controversos e influentes pensadores de todos os tempos, mas sua obra manteve-se postumamente incompreendida, mutilada para fins meramente políticos e ideológicos e, por fim, quase que desacreditada completamente, acusada – acredito que equivocadamente - de uma falta de coesão absurda. Uma leitura mais completa talvez seja capaz de observar que por detrás das belas palavras apaixonadas do autor existem fundamentos concretos e uma crítica – ao mesmo tempo epistemológica, moral e social – consistente e coerente.

Enfim, mesmo com o pessimismo dominando seus últimos escritos – *Os Devaneios* e *Emílio e Sofia*, ambos textos incompletos - Rousseau nunca deixou de acreditar na essência boa e verdadeira do homem; e, se a regeneração moral no futuro não se apresenta como uma certeza absoluta, pelo menos ela pode ser concebida naturalmente, porque o que há de divino na humanidade ainda subsiste - mesmo que seja no mais profundo âmago desses monstros nos quais se transformaram os homens.

O instinto moral nunca me enganou: conservou até agora no meu coração suficiente pureza para nele poder abandonar-me e se algumas vezes, na minha conduta, se cala diante de minhas paixões, retoma perfeitamente seu domínio sobre ela, em minhas lembranças. É neste ponto que julgo a mim mesmo talvez com a mesma severidade com a qual serei julgado pelo soberano juiz após esta vida” (ROUSSEAU, 1995, p.58)

## **Bibliografia:**

CASSIRER, Ernst. **A Questão Jean Jacques Rousseau**. Trad. Erlon José Pascoal. São Paulo, SP: Editora Unesp. 1989.

DEFOE, Daniel. **Robinson Crusóé**. Belo Horizonte: Itatiaia. 1964.

FORTES, José Roberto. **Rousseau: da Teoria à Prática**. São Paulo: Editora Ática. 1976.

HOBBS, Thomas. **Leviathan**. Londres: Penguin Books. 1985.

\_\_\_\_\_ **Do Cidadão**. São Paulo: Martin Claret. 2006.

PRADO JR, Bento. “**A filosofia das luzes e as metamorfoses do espírito libertino**”. In: NOVAES, Adauto (Org.). *Libertinos e libertários*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

ROLLAND, Romain. **O Pensamento Vivo de Rousseau**. São Paulo: Livraria Martins Editora. 1960.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **As Confissões de Jean-Jacques Rousseau**. Trad. Wilson Lousada. São Paulo, SP: Editora Águia de Ouro. 1982

\_\_\_\_\_ **Do Contrato Social**. Trad. Pietro Nasseti. São Paulo, SP: Editora Martin Claret. 2007

\_\_\_\_\_ **Devaneios do Caminhante Solitário**. Brasília: EDUNB. 1995.

\_\_\_\_\_ **Discurso Sobre a Origem da Desigualdade Entre os Homens**. Trad. Lourdes Santos Machado. São Paulo, SP: Ed. Nova Cultural. 1999.

\_\_\_\_\_ **Discurso Sobre as Ciências e as Artes**. Trad. Lourdes Santos Machado. São Paulo, SP: Ed. Nova Cultural. 1999.

\_\_\_\_\_ **Emile e Sophie ou Os Solitários**. Trad: François Galler.  
Florianópolis: Editora Paraula. s/d.

\_\_\_\_\_ **Emílio ou da Educação**. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo, SP:  
Difusão Européia do Livro. 1968.

STAROBINSKI, Jean. **Jean-Jacques Rousseau - A Transparência e o  
Obstáculo**. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras.  
1991.

